

Revista **Um Olhar**

Uma publicação do CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL – CNLB

Ano VIII - EDIÇÃO ESPECIAL - Junho/2019 - ISSN 2526-6624

ANO NACIONAL DO LAICATO



Revista **Um Olhar**

“Um olhar” é uma publicação do
CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL
C N L B

Os textos aqui publicados correspondem tão somente ao pensamento e à reflexão feita por seus autores e autoras, ainda que dentro das expectativas e objetivos deste número.

O nome “Um Olhar”, como o próprio diz, é uma revista que pretende ser o olhar dos cristãos leigos e leigas, comprometidos com a missão do Espírito conferida à Igreja e, principalmente, com a Igreja do Brasil, querendo dizer que “um olhar”, o olhar do laicato, quer ser complementar aos demais olhares.



C N L B

CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL



C N L B

Presidência 2016-2019

Presidente: Marilza José Lopes Schuina

Vice Presidente: Maria das Graças Silva Gervásio

Secretário: Luis Antônio Ferreira

Secretária-Adjunta: Sônia Gomes de Oliveira

Tesoureiro: Eduardo Lange Filho

Tesoureira Adjunta: Maria Aurenir da Silva Paiva

Organização: Presidência

Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB/ Um Olhar. Brasília, 2019

Fotos: direito publicado, de mídias sociais e do CNLB

Edições 2019

52 p. 21 x 29,7

ISSN 2526-6624

Responsável: Conselho Nacional do Laicato do Brasil

SGAN 905 – conjunto C – Asa Norte – 700790-050 – Brasília – DF

Email: cnc@cnlb.org.br; marilzaschuina@gmail.com - www.cnlb.org.br

CUIABÁ, JUNHO/2019

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
I - Conjuntura e apocalipse: Ver com coragem, julgar com compromisso e cultivar esperança em tempos de sombra!	6
<i>Moema Miranda</i>	
II - O Ano do Laicato: Reflexão e Ação- A divulgação da importância dos primeiros 1000 DIAS de vida como ação concreta de leigos e leigas	12
<i>Maria das Graças Silva Gervásio</i>	
III - A Igreja sinodal do Regional Norte 1 na vivência do Ano do Laicato	14
<i>Patrícia Cabral</i>	
IV - O Ano do Laicato na Instituição Teresiana.....	15
<i>Maria Rosa Morala</i>	
V - Caminhada do Regional Oeste 1 no Ano do Laicato	18
<i>Moisés Batista dos Santos</i>	
VI - Comissão Especial para o Ano Nacional do Laicato.....	19
VII - O legado e os desafios que este Ano Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas traz para vida pastoral e social da Igreja	23
<i>Marilza José Lopes Schuina</i>	
VIII - Conselho Nacional do Laicato do Brasil	25
IX - Laicato Formado por uma Igreja Viva, Profética, Alegre e Dinâmica	28
<i>João Victor, por ASCOM Nordeste 2</i>	
X - CNLB - NE4/Piauí - Uma Atividade de Destaque ao Ano do Laicato.....	30
<i>Maria das Graças Ferreira</i>	
XI - O Ano Nacional do Laicato – Regional sul 1	31
XII - Regional Leste II – Ano Nacional do Laicato.....	33
<i>Leci Nascimento</i>	
XIII - Ano Nacional do Laicato no Ceará.....	35
<i>Pedro Cadeira</i>	
XIV - Espiritualidade Laical na Formação de Verdadeiros Sujeitos Eclesiais .	37
<i>Lúcia Pedrosa Pádua</i>	
XV - Anexos	48
<i>1- Manifesto do CNLB – XXXVIII AGO; 2- Manifesto: Resistência democrática, unidos pela justiça e pela paz; 3- I Congresso Continental de Leigos</i>	

APRESENTAÇÃO

Estamos ainda no clima do Ano Nacional do Laicato, um tempo que a Igreja do Brasil procurou “melhor apoiar e incentivar a vida e a ação dos cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade” (CNBB 105, n. 275), como “ramos, sal, luz e fermento”.

O Ano mobilizou toda a Igreja, especialmente os cristãos leigos e leigas, com o tema “Cristãos Leigos e Leigas, sujeitos na ‘Igreja em Saída’, a serviço do Reino” e o lema “Sal da terra e luz do mundo”. O propósito foi tratar da vocação dos cristãos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais, para a clareza de sua missão e sua corresponsabilidade pela evangelização, tanto na Igreja como no mundo.

Estamos publicando esta **edição especial** da Revista um Olhar para melhor acolher os frutos do Ano do Laicato, fazendo memória e reflexão de alguns fatos e acontecimentos dessa caminhada. Não é possível registrar tudo o que aconteceu no Ano do Laicato, mas podemos ter um breve retrato com textos reflexivos e algumas imagens sobre a influência dessas atividades na vida pastoral da Igreja, especialmente, na vida dos cristãos leigos e leigas.

Começamos com o texto de Moema Miranda, diretora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas/IBASE, que em 2018 nos apresentou uma Análise de Conjuntura em dois momentos: na XXXVII AGO do CNLB e o I Congresso Continental de Leigos. Escrito em fevereiro deste ano, o texto é uma leitura marcada por sombras, mas muitas luzes e esperanças, a começar pelo seu título: **CONJUNTURA E APOCALIPSE: VER COM CORAGEM, JULGAR COM COMPROMISSO E CULTIVAR ESPERANÇA EM TEMPOS DE SOMBRA!**

Na sequência, os textos de *Maria das Graças Silva Gervásio*, *vice-presidente do CNLB*, “O Ano do Laicato: reflexão e ação”, sobre “a divulgação da importância dos primeiros 1000 DIAS de vida da criança como ação concreta de leigos e leigas”; *Patrícia Cabral*, *presidente do Regional Norte 1*, escreve sobre “A Igreja sinodal do Regional Norte 1 na vivência do Ano do Laicato”; *Maria Rosa Morala*, *da Instituição Teresiana* apresenta um rico relato sobre o “Ano do Laicato na Instituição Teresiana”; *Moisés Batista dos Santos* escreve sobre “A caminhada do Regional Oeste 1 no Ano do Laicato”; a *Comissão Especial para o Ano do Laicato* apresenta um registro de notícias sobre algumas atividades realizadas no Ano do Laicato; *João Victor Lemos Viana*, *ASCOM CNLB NE2*, escreve sobre o “Laicato formado por uma igreja

viva, profética, alegre e dinâmica”, trazendo como “o grande legado do Ano Nacional do Laicato a consciência da missão laical transmitida através de momentos de Formação”; *Maria das Graças Ferreira* escreve sobre a experiência de formação do laicato no regional Nordeste 4; “O Ano do Laicato no *Regional Sul 1*” é apresentado *pela presidência do regional e Leci Nascimento, presidente do Regional Leste 2*, apresenta o texto sobre o “Ano do Laicato no Regional” e Pedro Cadeira escreve sobre “O Ano Nacional do Laicato no Ceará. Em cada texto, uma particularidade, uma beleza do que foi e continua sendo a rica experiência do Ano do Laicato.

Marilza Schuina, presidente do CNLB, escreve sobre “O legado e os desafios que este Ano Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas traz para vida pastoral e social da Igreja” e apresenta as notícias do CNLB que foram destaques na revista CNBB EM AÇÃO 2019.

Encerramos a revista com o belíssimo texto de Lúcia Pedrosa, *professora da PUC-RIO* sobre “Espiritualidade laical na formação dos verdadeiros sujeitos eclesiais” (publicado na Revista Encontros Teológicos. Florianópolis. V.33. N.1. Jan.-Abr. 2018, p. 13-33). Uma espiritualidade cristã integral e integradora. No texto, “são articuladas as dimensões pessoal, eclesial, sociopolítica e ecológica da espiritualidade laical. Em cada dimensão, são tratados alguns desafios urgentes na formação dos cristãos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais, dentre eles: a contemplação do Deus de Jesus Cristo, com sua vida, sua cruz e sua carne; a superação do clericalismo; a construção da comunhão na liberdade e responsabilidade dos sujeitos eclesiais; a superação da divisão entre fé e vida; a não alienação dos problemas ecológicos”.

Anexamos a este número 03 importantes documentos:

1- Manifesto da XXXVII Assembleia Geral Ordinária do CNLB, que aconteceu em Belo Horizonte/MG, nos dias 31 de maio a 03 de junho de 2018.

2- Manifesto dos Organismos de Comunhão Eclesial, Organismos vinculados à CNBB, Pastorais Sociais e outras entidades sobre o momento brasileiro - Resistência democrática, unidos pela justiça e paz!

3- Carta do I Congresso Continental de Leigos, realizado no Brasil, nos dias 01 a 04 de novembro de 2018, em Vargem Grande Paulista/SP, no Centro Mariápolis Ginetta – versão em Português.

“Cristãos Leigos e Leigas, Sujeitos na Igreja em Saída, a Serviço do Reino”!

I - Conjuntura e apocalipse: Ver com coragem, julgar com compromisso e cultivar esperança em tempos de sombra!



Moema Miranda¹

Introdução: a sirene não tocou²

Não está fácil falar sobre a conjuntura. Não é confortável pensar sobre os tempos presentes. É urgente e indispensável. Mas é uma tarefa dura. Com Brumadinho, cidade turística e minerada do estado de Minas Gerais, choramos em janeiro de 2019 “lágrimas de sangue e de lama”³, em dor que nos irmana à terra. Temos que partir, nesta jornada, do absurdo de um sistema que fragiliza a legislação ambiental, social e previdenciária e licencia obras sem precaução, em nome do “desenvolvimento econômico”. Assistimos a um Estado que desmantela seus órgãos de controle ambiental e se faz conivente com empresas que lucram de forma desmedida, favorecendo seus acionistas, em detrimento das *zonas de sacrifício* onde instalam minas, minerodutos, portos. Brumadinho

1 Leiga franciscana, da Ordem Franciscana Secular, antropóloga e doutoranda em Filosofia pela PUC-RJ. Pesquisadora do Instituto Teológico Franciscano, secretária da Rede Igrejas e Mineração e do Diálogo dos Povos AL/África. Assessora da Rede Eclesial da Pan-Amazônia.

2 Apesar dos acordos estabelecidos pela companhia Vale S.A após o crime de Mariana, o sistema de sirenes de alerta, também não funcionou a tempo em Brumadinho.

3 <https://iglesiasymineria.org/2019/01/26/en-brumadinho-lloramos-con-la-madre-tierra-lagrimas-de-barro-y-sangre/>

não é um caso isolado. É parte de um sistema. Corpos humanos e não humanos, rios, peixes, árvores e flores jazem sob a lama tóxica; muitos choram seus entes amados e a empresa Vale S. A já começa a recuperar lucros nas bolsas de valores. As ações da empresa voltaram a crescer, após breve declínio. O crime ocorreu três dias depois de o presidente eleito, Jair Bolsonaro, afirmar em um discurso de seis minutos, preferido no Fórum Econômico de Davos, em sua primeira viagem internacional, que “somos o país que mais preserva o meio-ambiente”⁴. Uma ruptura absoluta entre a eco-nomia, que no sentido mais profundo seria a forma de administrar a casa, óikos, eco, e a própria *casa comum*, onde habitam todos os seres, a oikós, e seu sistema de vida, a eco-logia do Planeta.

Em menos de três anos, é o segundo crime ambiental causado pela mesma companhia, no mesmo estado, do mesmo país: “irresponsabilidade organizada”, caracterizam os sociólogos⁵. A Igreja do Brasil se colocou em pronta solidariedade e amparo às vítimas e suas famílias. Mas, também, com coragem profética afirmou desde o primeiro momento: “não houve aqui um acidente. Houve um crime ambiental e um homicídio coletivo”⁶.

O rompimento da barragem de rejeitos da Vale S.A ocorreu menos de um mês após a licença de ampliação ter sido concedida, em um processo que evidencia as novas propostas de “agilidade” na liberação de grandes projetos, sem que a legislação ambiental “obstaculize” ou “burocratize” a atuação empresarial. Os protestos contra a “in-

4 <https://twitter.com/folha/status/1087723570854330368>

5 <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/02/brumadinho-evidencia-estado-submisso-a-interesses-de-empresas-diz-autor.shtml>

6 Dom Joaquim Mol, bispo auxiliar de Belo Horizonte, durante missa do dia 28/01/2019 <http://www.falachico.org/2019/01/dom-joaquim-mol-brumadinho-nao-houve.html>

sanidade”⁷ da aprovação célere da licença foram considerados “exagerados” e constaram das atas das reuniões como “questões procedimentais”. O “grito da Terra e o grito dos pobres” foi, assim, mais uma vez silenciado, desacreditado, emudecido. Tornado não palavra! Protestos irrelevantes. Aqui se compreende, na totalidade, o sentido da afirmação do Papa Francisco na Exortação Apostólica, a *Alegria do Evangelho*: “esta economia mata!”.

A partir desta tragédia, um crime de descuido e irresponsabilidade, onde o interesse privado e o poder público atuaram como aliados, podemos ir desdobrando nosso olhar, para tentar compreender criticamente os tempos que vivemos em nosso país, nosso continente e no mundo. O quadro deve ir se desenhando de forma complexa, o que significa ir integrando diferentes linhas de força. Um caminho linear e simplista, de causa e efeito, não pode acolher as múltiplas dinâmicas que formam o intrincado tecido econômico, ambiental, religioso e social de nosso mundo. Em tempos de máxima conexão como os que vivemos, cada local, território ou paróquia, expressa a dor do mundo. Que tempos são estes?

ATROPOCENO E O GRITO DE ALERTA QUE EMANA DA TERRA!

A filósofa Isabelle Stengers, em livro lançado em 2015, afirma que estamos vivendo a “era das catástrofes”⁸: tempo no qual a ação humana afetou de tal forma o funcionamento do Sistema Terra, que sua disfunção se fará sentir em catástrofes sucessivas. Aquecimento global, destruição da biodiversidade, acidificação dos oceanos, agrotóxicos encontrados até no leite materno, aumento do desmatamento causam a cada dia efeitos mais desastrosos, devastadores e imprevisíveis. Vivemos tempos de uma mutação profunda no Planeta Terra. Mutações para uma era geológica que os cientistas chamam de Antropoceno, a “era dos humanos”. Tempo no qual nos tornamos uma “força geofísica”. A denominação foi proposta em 2000, pelo prêmio Nobel de Química, Paul Crutzen⁹ e

vem sendo amplamente utilizada.

Infelizmente, quando falamos ou lemos sobre estes temas, temos a impressão de que estamos falando de algo externo, alguma coisa que acontece lá fora, na “natureza”. Como se não dissesse respeito a nossa vida, a história humana. Mas crimes/tragédias como a de Brumadinho mostram cada vez mais claramente que tudo está interligado e que o que acontecer à Terra, afetará a vida de todos os seres que nela habitam. Nosso planeta não é, como pensaram os cientistas da Modernidade, um mundo mecânico, regidos por leis naturais inalteráveis, realidade inerte e inanimada. Como se a “natureza” fosse o cenário, o palco imutável, onde o drama humano se desenvolve, mas que não é vivo como ele. Já nos anos 60, James Lovelock, cientista da Nasa, comparando a Terra com outros planetas da galáxia, compreendeu que vivemos em um “superorganismo vivo”¹⁰, que ele chamou de Gaia, em homenagem a uma antiga deidade grega. Trata-se da Hipótese Gaia. E, no tempo das catástrofes, vivemos justamente a “intrusão de Gaia”, que começa a dizer sua própria palavra.

Mas, se agora já existem dados mais que suficientes para comprovar que o descuido ambiental causa tragédias que afetam a vida dos viventes, incluindo os humanos, como seguimos acreditando que é possível “descuidar”? Como é possível que um sistema político e econômico considere aceitável crimes como o de Brumadinho, repetindo e aprofundando o que havia acontecido em Mariana, três anos antes? Ainda pior, como elegemos governantes que “negam” estas verdades, que não precisariam nem ser confirmadas pelos cientistas, porque qualquer um que tem olhos, pode ver? A disputa neste “tempo das catástrofes” se faz então, também, por compreender o que vivemos, por dar nomes precisos, por disputar a versão dos fatos, as narrativas sobre os tempos. Aí compreendemos o lugar central que o Papa Francisco ocupa hoje: ele vem se tornando uma voz de esperança, mas também de chamado à conversão, à mudança das práticas que levam o mundo ao abismo, rompendo com as formas de dominação que priorizam o lucro sobre a vida.

Em julho de 2015, em sintonia com esta realidade, o Papa Francisco lançou um dos documen-

7 <https://theintercept.com/2019/01/25/barragem-brumadinho-vale/>

8 STENGERS, I(2015). No Tempo das Catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify

9 CLUTZEN, P. and STOERMER, E.F. (2000). The Anthropocene. Global Change Newsletter, 41: 17.

10 LOVELOCK, James (2006). A vingança de Gaia. Rio de Janeiro: Intrínseca

tos mais relevantes da Igreja Católica: a Encíclica *Laudato Sí, sobre o Cuidado da Casa Comum*. Integrando a Doutrina Social da Igreja, a Encíclica alcançou acolhida também fora da Igreja. O Papa parte da situação socioambiental extrema e devastadora em que se encontra nosso planeta, para propor uma conversão à ecologia integral. A carta tem um sentido de urgência e foi lançada durante a preparação para a Cop 21, quando os Chefes de Estado, pela a vigésima primeira vez, se reuniram para buscar medidas de enfrentamento ao aumento do aquecimento global que, como claramente afirmam os cientistas, tem causas *antrópicas*, ou seja, é resultado da ação humana.

Desde então, situação de “complexa crise socioambiental” que motivou o lançamento da Encíclica vem, infelizmente, se agravando. Em outubro de 2018, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU, formado por cientistas de todo o mundo, lançou seu quinto Relatório¹¹. Um documento atualizado, com medidas mais precisas e claras que atestam o agravamento dos índices de devastação ambiental e os riscos de crescente irreversibilidade e imprevisibilidade das dinâmicas deflagradas. Tudo induz, portanto, à necessidade urgente de medidas – políticas, sociais, legais - que alterem os padrões de produção, acumulação, consumo e desperdício, que geram dinâmicas destrutivas. Apesar de um consenso indisputável entre os cientistas, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump¹², país que mais contribui para o aquecimento global, faz parte de uma corrente bastante comum naquele país: os *negacionistas do clima*. Em termos planetários, como no Brasil, vivemos então uma ruptura dramática entre os responsáveis políticos pela condução dos negócios do Estado e a realidade das consequências de suas práticas políticas e econômicas para todos os viventes.

Talvez uma pista para compreender esta ruptura – entre dirigentes eleitos e a verdade dos fatos –, seja a observação do filósofo Günther Anders quando, refletindo sobre o lançamento das bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima, em 1945, identificou uma “mutação ontológica”: a espécie humana deixava de ser uma espécie mor-

tal, para se tornar uma espécie mortífera¹³. Mas, este mesmo feito, estabelecia uma outra ruptura decisiva entre a parte da humanidade que tinha poder de lançar a bomba e a imensa maioria dos humanos que, sem este poder, se tornavam “vítimas”. Humanos de tipo “A” e de tipo “B”. Um efeito semelhante ocorre em relação a crise ambiental que vivemos, própria do Antropoceno.

Agora, também, não é toda a humanidade que devasta o planeta. Não são todos responsáveis criminais pelo que ocorreu em Brumadinho. A parcela mais rica dos humanos é responsável, através de seu modo de produção, acumulação, consumo e desperdício, por dinâmicas que entram em dissonância com os limites do planeta, trazendo consequências danosas à toda as formas de vida. Vejam:

“La responsabilidad de las emisiones globales está fuertemente sesgada hacia los estilos de vida de relativamente pocos emisores altos. Casi el 50% de las emisiones globales de carbono surgen de las actividades de alrededor del 10% de la población mundial, aumentando a 70% de las emisiones de tan solo el 20% de los ciudadanos. Imponer un límite a la huella de carbono del 10% superior de emisores globales, [para llevarla al] equivalente a la de un ciudadano europeo medio, podría reducir las emisiones globales en un tercio en cuestión de un año o dos años.”¹⁴

Em síntese, uma parte da humanidade, a mais abastada, acumula capacidade de impactar o planeta de forma inédita e devastadora. Ora, mas se os que causam não são os que sofrem as consequências mais imediatas de seus atos, é fácil que entrem em processos de negação: “não me afeta, não ocorre”.

Assim, Donald Trump e os americanos podem se desresponsabilizar pelo aquecimento glo-

11 <https://www.ipcc.ch/sr15/>

12 https://www.theguardian.com/environment/2019/feb/06/trump-state-of-the-union-climate-change?CMP=Share_iOSApp_Other

13 ANDERS, Günther (2007). *Le temps de la fin*. Paris: L'Herme

14 . Kevin Anderson, “Response to the IPCC 1.5°C Special Report”, Manchester Policy Blogs: All posts, 8 de outubro 2018. [<http://blog.policy.manchester.ac.uk/posts/2018/10/response-to-the-ipcc-1-5c-special-report/>]

bal, tanto quanto Jair Bolsonaro, pode dizer que cuida do “meio ambiente”, enquanto desmantela todo o sistema de órgãos públicos de controle ambiental; entrega o comando do Ministério da Agricultura para a “rainha do veneno” e se propõe a desregular o setor de mineração. A ruptura é parte de um mundo que se organiza em torno de verdades opcionais, pós-verdades e negacionismos. É parte da desvinculação entre causa e efeito. Marca uma ruptura inimaginável em qualquer sistema moral e religioso anteriormente conhecido.

Mas, e nós, leigos e leigas católicos, onde habitamos neste mundo partido? A partir de que lugar vamos contar a história do nosso tempo? Apoiando os bispos de Belo Horizonte que, após o crime de Brumadinho, com coragem denunciam o “assassinato coletivo” que testemunham e exigem responsabilização dos culpados e mudança do regime que privilegia o lucro em detrimento da vida? Consonantes com o Papa Francisco, voz dissonante frente ao avanço da economia de mercado sobre as dinâmicas da vida? Queremos nos colocar ao lado dos “vencidos e vencidas”, das vítimas que, como afirma a *Laudato Sí*, irmanam a Terra e os pobres, em um mesmo grito de denúncia, que exige nosso compromisso, nossa opção, nossa disposição profética?

Para avançar nas condições de resposta a estas perguntas, integremos elementos do cenário mais amplo onde habitamos.

RECONFIGURAÇÃO GEOPOLÍTICA MUNDIAL: GUERRA POR RECURSOS NO TEMPO DA “ESCASSEZ” PROVOCADA

Os anos 1989 a 1991 marcaram o fim da era bipolar, de disputa por hegemonia política e controle de territórios e recursos naturais, entre potências ideologicamente divergentes, característico de todo o período pós II Guerra Mundial. Como sabemos, o fim da segunda Guerra Mundial, deixou o mundo dividido entre dois grandes poderes atômicos: os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O acordo entre os dois países hegemônicos se consolidou em um pacto de Guerra Fria, marcado por intensa corrida armamentista, espacial e tecnológica. O mundo estava dividido ideologicamente e de forma explícita, entre um modelo capitalista e

outro que se denominava socialista.

Dois eventos consolidaram de forma paradigmática a alteração desta ordem. A queda do Muro de Berlim, em 1989, seguida da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a Guerra do Golfo, declarada pelos Estados Unidos contra o Iraque, em 1991. Embora esta tenha sido uma das guerras mais assimétricas da história, onde de um lado houve 150 e de outros 150.000 mortos, foi considerada pelo vencedor uma “guerra justa”. No documento *National Military Strategy*, de 1991 (NMS01991), o governo americano, sob o comando do então presidente George Bush “com otimismo, anuncia o surgimento de uma nova era a partir da derrocada do socialismo e do sucesso na Guerra do Golfo através de uma ação militar extremamente bem-sucedida, orquestrada pelos Estados Unidos e autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU, que mostrou sua superioridade militar e capacidade de liderança de uma ordem unipolar.”¹⁵

Assim, teve início o período de expansão, ainda mais acelerado, do modelo neoliberal, comemorado pela então Ministra Britânica, M. Thatcher, seguindo a declaração de F. Fukuyama, como demarcando o “fim da história”.

Infelizmente, o mundo que se inaugurou, com o avanço estonteante das forças de mercado, transformando em mercadoria e privatizando com cada vez maior rapidez rios, florestas e ar, não tem sido o de expansão da paz prometida. Ao contrário, guerras e disputas se disseminam perigosamente.

O modo de produção e consumo capitalista se alastrou por todo o mundo. Hoje, mesmo uma potência politicamente não alinhada a este sistema, como a China, pratica, participa e defende, do ponto de vista econômico, as regras do livre mercado. Guiado por estas leis, vemos o mundo ampliar exponencialmente os níveis de desigualdade, com aumento da concentração de renda e de poder. O Relatório 2019 da ONG Oxfam, que vem monitorando a dinâmica da desigualdade no mundo, afirma:

“A nossa economia está falida, com centenas de milhões de pessoas vivendo na extrema pobreza, enquanto quem está no topo recebe enormes recompensas. O número de bilionários

15 PADULA, R A, 2018 “Geopolítica estadunidense e a Eurásia”, in Sobre a Guerra. FIOR, J.L (org). Petrópolis, RJ: Vozes.

duplicou desde a crise financeira de 2007-08 e suas fortunas cresceram 2,5 bilhões de dólares por dia, mas os super-ricos e as grandes empresas estão pagando o menor nível de impostos em décadas. Os custos humanos – crianças sem professores, unidades de saúde sem medicamentos – são imensos. Serviços privados fragmentados punem os pobres e privilegiam as elites, e as mulheres são as que mais sofrem, pois têm que compensar a falta de serviços públicos com muitas horas de trabalho de cuidado não remunerado.”¹⁶

O avanço da economia de mercado, aliado ao intenso desenvolvimento tecnológico do pós-II Guerra, tem gerado, portanto, um estresse profundo e extremante temerário para as condições de reprodução da vida no planeta. Mas, o que é tão sério quanto isto, tem significado - como se evidencia no Relatório acima - a fragilização do Estado Nacional, em seu papel de defesa da ordem democrática e garantidor de políticas públicas universais.

As empresas transnacionais, “espalhadas” por diferentes sedes, escapam sistematicamente das obrigações de pagamento de impostos. Os custos de suas operações ficam nos territórios, *zonas de sacrifício*, como vimos no caso extremo de Brumadinho. Os lucros migram para o sistema financeiro, rumo aos acionistas de sociedades anônimas, gerando uma casta de mega-ricos. Os estados nacionais, portanto, têm sido fragilizados tanto em sua condição de prover políticas públicas quanto de exercer o controle das ações das corporações em seu território, debilitando os mecanismos de exercício da soberania nacional, valor constitutivo da democracia liberal. Esta dinâmica pode ser vista mesmo nos países mais ricos e desenvolvidos, que também assistem ao crescimento da desigualdade interna em níveis alarmantes. As ondas migratórias que assolam o mundo, por exemplo, estão vinculadas a esta combinação perversa de fatores. O desenlace trágico desta dinâmica, é a expansão de mecanismos violentos de controle da ordem pública que, em um efeito ricochete, se legitimam nas sociedades partidas, onde as “vítimas viram culpados”.

O que se vê no espaço nacional ocorre, também, nas instâncias internacionais, criadas durante o período da Guerra Fria para exercício do contro-

le global. Hoje, as Nações Unidas, bem como os demais instrumentos internacionais de defesa democrática da ordem pacífica, estão fragmentadas e fragilizadas. Violência e guerra passam a ser a ordem, onde “exceção” se torna regra. O aumento dos sistemas de vigilância e controle, legislações de criminalização, punição e monitoramento dos cidadãos, aliados à desregulamentação da atuação das empresas e dos conglomerados internacionais, tornam o mundo um lugar mais perigoso a cada dia.

A ciência, ao longo do século XX foi uma grande aliada da indústria no desenvolvimento de novas tecnologias, aplicadas a todas as áreas da vida: telecomunicações, produção agrícola agroindustrial, diversão e guerra. No entanto, esta aliança pacífica começou a se romper ainda no século passado. No início da década de 90, consolidou-se um campo de estudos conhecido como ciências do Sistema Terra, integrando áreas antes segmentadas da física, química, biológica, etc.

A Conferência das Nações Unidas sobre “Meio Ambiente e Desenvolvimento”, a Rio 92, deu início a conformação do já mencionado IPCC. Os estudos elaborados por um grupo amplíssimo de cientistas e representantes governamentais causam alarme e indicam com inegável clareza a urgência na transformação da forma como a “economia” se relaciona com a “ecologia”. A ciência sai de sua pretendida “neutralidade”, deixa de ser apenas “descritiva” e, ao afirmar as causas antrópicas da crise ambiental, torna-se “prescritiva”. Aí, o fosso começa a se armar. Recentemente a cientista atmosférica Kate Marvel, da NASA, agência acima de qualquer suspeita ideológica, afirmou: “Nós temos hoje mais certeza de que os gases de efeito estufa estão causando o aquecimento global do que temos de que o fumo causa câncer.”¹⁷ Diante disto, o presidente dos Estados Unidos afirmou que os “cientistas tem uma grande agenda política”, o que o leva a atitude negacionista diante do aquecimento global: “o estilo de vida dos americanos não é negociável”, como afirmou ainda durante a campanha eleitoral.

O mais dramático é que os tempos de supremacia americana inquestionável estão definitivamente encerrados. Rússia e China disputam palmo a palmo o mundo.

16

<https://www.oxfam.org.br/node/428/done?sid=7446&token=dd8313f063a892d746f64d432ae7845b>

17

https://www.theguardian.com/environment/2019/feb/06/trump-state-of-the-union-climate-change?CMP=Share_iOSApp_Other

A acusação de “uma agenda política”, oculta ou explícita, de adesão a um suposto “marxismo cultural”, e de uma “agenda de esquerda” de qualquer um que denuncie a óbvia insustentabilidade deste sistema, tem sido também repetida por membros do governo brasileiro.

A grande questão é que as evidências indicam que “esta economia mata”! O que exige do mundo uma imensa conversão nos padrões de produção e consumo. Já nos anos 50, o economista Karl Polany havia indicado que a “economia de mercado” só poderia dar bons frutos sob intenso controle político da sociedade. Sem este controle, ela se tornaria um “moinho satânico”, capaz de consumir os recursos a ponto de inviabilizar a continuidade da vida. Como as células cancerosas que se multiplicam até a morte do hospedeiro.

Hoje, quando três novas/renovadas forças imperiais, atômicas, disputam os recursos do mundo, Estados Unidos, Rússia e China, todas atuando sob a regência da mesma economia de mercado, experienciamos a dramática “era dos homens”. Não há divergência ideológica. As acusações neste sentido servem apenas para justificar e encobrir a competição por recursos. Mas, sem uma alteração na economia, este padrão de acumulação abre um tempo inevitável de escassez programada no lindo e abundante Planeta Terra. Litígios e contendas por territórios e recursos, de terras e água a minerais e produtos fósseis; por poderio militar e tecnológico; por hegemonia cultural e política, rasgarão o mundo em guerras fratricidas. Não há salvação possível dentro desta ordem. Tudo está claro: a verdade se revela. O Apocalipse é, então, este tempo em que o véu se desfaz e opções vitais precisam ser feitas. O risco, como já havia indicado Günter Anders, é, no entanto, o de um “apocalipse sem redenção”.

A conversão à ecologia integral e a economia da suficiência, retomando o sentido de fraternidade cósmica que nos irmana e gera laços de amizade entre humanos e não humanos, bem como a possibilidade de uma vida de “sobriedade feliz”, são os grandes convites do Papa Francisco. Eles ecoam, sustentam e respondem aos chamados dos povos indígenas, povos das florestas, ribeirinhos, pescadores, pequenos agricultores, mulheres e crianças. Sua dissonância com a lógica predatória hegemônica, no entanto, é profunda.

Neste cenário apocalíptico, de extremos, todos e cada um de nós, leigos e leigas, somos

chamados a escolher o Caminho. Existem alternativas, como afirma o Papa, como alardeia a Terra, como demonstram inúmeros povos e comunidades em todos os continentes. Não deixemos que nos “roubem a esperança” de um futuro melhor. Não deixemos que a economia da predação tenha palavra final. Ainda há tempo, afirma o Papa Francisco, “e o tempo é agora”! Que o Senhor nos ilumine, hoje e sempre! Que Maria nos acompanhe e proteja!

II - O Ano do Laicato: Reflexão e Ação- A divulgação da importância dos primeiros 1000 DIAS de vida como ação concreta de leigos e leigas



Foto 1

A Pastoral da Criança, motivada pelo Ano do Laicato e buscando responder aos desafios atuais da Igreja e da sociedade brasileira para a questão do cuidado com a criança, convidou leigos e leigas organizados nos conselhos diocesanos ou nas articulações do laicato de todas as dioceses, para participar de uma capacitação no Museu da Vida, com o tema: **“Como os primeiros 1000 DIAS podem afetar nossa saúde para sempre.** A intenção foi trabalhar a missão do leigo e o ano do laicato, com o compromisso de multiplicar as informações a partir da presença dos *“incontáveis cristãos leigos e leigas que atuam através dos seus trabalhos em instituições como universidades, escolas, hospitais, asilos, creches, meios de comunicação, empresas, evangelizando pelo testemunho e contribuindo para a expansão do Reino de Deus”* (Doc 105, CNBB).

Na mesma capacitação, foi apresentada uma das mais relevantes e atuais pesquisas sobre o impacto do baixo peso da criança ao nascer, desenvolvida pelo médico e pesquisador inglês Dr.

David Barker¹⁸, que demonstra que pessoas que nasceram com baixo peso tem maior risco de desenvolver doenças do coração, colesterol, diabetes, obesidade, hipertensão arterial, problemas no funcionamento dos rins, osteoporose, entre outros problemas. A partir dos estudos do médico, dezenas de cientistas de todo o mundo passaram a desenvolver pesquisas relacionadas. No Brasil, o médico Cesar Gomes Victora¹⁹, é referência sobre 1000 dias.

A resposta ao convite veio de 114 Arquidioceses e todos os Regionais, com a participação de 117 leigos e leigas. A maioria já atua nos conselhos diocesanos e regionais. Os demais foram motivados a participar, quando foi trabalhado a missão do leigo e da leiga e o ano do laicato.

18 Dr. David James Purslove Barker (1938-2013), professor na Universidade de Southampton, pesquisava desde os anos 1980, a importância de uma gestação saudável para a vida da criança. As pesquisas dessa época foram a base determinante para o que a ciência afirma atualmente: que a preocupação com os primeiros 1000 dias de vida de uma criança – que vão da gestação até o 2º ano – são essenciais para propiciar um desenvolvimento saudável quando adulto.

19 Cesar Gomes Victora, epidemiologista, especialista em nutrição e saúde materno-infantil e equidade em saúde. É Professor Emérito da Universidade Federal de Pelotas (RS), com posições honorárias nas universidades de Harvard, Oxford, Johns Hopkins e na Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres.



Foto 2

Os frutos foram brotando no decorrer da capacitação, pela troca de experiências - seja pela atuação na vida profissional ou na vida pastoral, e pela articulação nos conselhos diocesanos e regionais. Agora eles se multiplicam nos mais diversos *“aerópagos do mundo moderno nos quais os cristãos leigos e leigas agem, como sujeitos eclesiais, por força de sua própria cidadania batismal, de sua identidade e dignidade: ... a promoção da criança; ... são outros tantos mundos a serem iluminados e transformados pela ação evangélica dos cristãos leigos e leigas numa ‘Igreja em saída’”*. (Doc 105, nº 273).

“Igreja em saída”, convocação do Papa Francisco para todos os cristãos evangelizarem com ardor, dinamismo, ousadia, criatividade, coragem e alegria. Algumas iniciativas de divulgação dos 1000 dias pelos leigos e leigas aconteceram em universidades, escolas, unidades de saúde, centro de referência de assistência social, presídios, e nas pastorais, em especial a Pastoral Familiar.

Maria das Graças Silva Gervásio - Mestre em Serviço Social, Assessora técnica da Pastoral da Criança, Vice-presidente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil

Foto 1 – Vanda Ferreira Lopes, CNLB de Teófilo Otoni (MG) com o grupo de gestantes do Programa Estratégia Saúde da Família do Município de Malacacheta.

Foto 2 – Marcio Afonso de Carvalho Azevedo com grupo de gestantes do Amparo Maternal, Arquidiocese do Rio de Janeiro.

III - A Igreja sinodal do Regional Norte

1 na vivência do Ano do Laicato

O Ano do Laicato para o Regional Norte 1 foi um grande motivador para que as nossas dioceses e prelaças pudessem proporcionar aos leigos e leigas uma formação mais direcionada e motivando-os à sua participação na evangelização, não somente nos espaços da igreja como também nas demais instâncias da sociedade, através da participação de cristãos nos conselhos paritários, conselhos tutelares e também na política.

Nosso Regional Norte 1 é composto de 1 arquidiocese (Manaus), 5 dioceses (Alto Solimões, Coari, Parintins, Roraima e São Gabriel) e 3 prelaças (Borba, Itacoatiara e Tefé) com isso uma dinâmica diversificada de carismas principalmente laical, pois em muitas de nossas comunidades são os leigos e leigas que coordenam e organizam a vida das comunidades.



Temos uma realidade de muitas congregações, missionários estrangeiros, mas que não conseguem suprir a necessidade da presença nestas comunidades, e esses são homens e mulheres, na maioria mulheres que sustentam a vida da comunidade, que ajudam o povo a viver suas realidades e até enfrentando a luta social.

Uma região marcada pela diversidade de raças, culturas, indígenas, quilombolas e ribeirinhos, no campo e na cidade que partilham suas experiências, vida e o pão, e principalmente das distâncias. Muitas comunidades só recebem a eu-

caristia uma vez por ano devido estas distâncias e a falta de sacerdotes, mas celebram a vida e a palavra, partilham suas dificuldades com a ajuda das lideranças leigas. São eles que rezam as novenas, que acompanham o nascimento das crianças em lugares que nem posto de saúde existem e que vivem da cultura da reza, da benzedura e da medicina natural herdados de gerações e gerações.

Uma igreja que partilha de sua vida nas assembleias anuais promovidas pela CNBB onde bispos, padres, religiosas, leigos e leigas se encontram durante uma semana para ouvir os clamores e para buscar alternativas na vivência destas diversas realidades. Numa dinâmica de parcerias entre pastorais para poder proporcionar as formações para as lideranças, pois devido nossas distâncias muitas delas pelos diversos rios o custo para chegar nestas localidades são muito alto e assim conseguimos suprir um pouco da carência de nossas comunidades.

Foi assim que procuramos viver o Ano do Laicato indo aos lugares mais distantes, de São Gabriel da Cachoeira à Manaus mostrando que todos são importantes para esse processo, que partilhar e proporcionar o bem viver entre os povos são a verdadeira presença de Deus. Numa terra de muitos mártires que doaram suas vidas em favor da justiça e causa comum para todos, devemos ser profetas e profetizas, leigos e leigas, homens e mulheres reconhecidos em sua pertença, em sua presença como liderança local com seus costumes e cultura.

Patrícia Cabral

Comissão do Laicato do Regional Norte1

IV - O Ano do Laicato na Instituição Teresiana

O Ano do Laicato foi um tempo de Kairós, de graça especial, em que Deus se fez especialmente presente na Instituição Teresiana. A acolhida foi excelente desde a preparação remota de anos anteriores, mediante acompanhamento dos diversos textos de estudo e contribuições. Reflexão, especialmente preparada e vivida nas reuniões anuais de avaliação e planejamento com todo o grupo Instituição Teresiana do Brasil, levando muito em conta as orientações da coordenação do Ano da Laicato. Orientações que, como outras dadas pela CNBB e CNLB fazem parte de nosso Projeto Comum de Missão, pauta de nossa missão evangelizadora nas mediações educativas e culturais da sociedade, cada vez mais amplas e complexas, com o foco numa educação inclusiva de qualidade, que possa chegar a todas e todos. Com abertura às solicitações, conscientes da importância do tema, cujo eixo central é a presença e a atuação dos cristãos leigos e leigas como “ramos, sal, luz e fermento” na Igreja e na Sociedade [Doc. 105, nº 275]. Consideramos que veio ao encontro do essencial de nosso carisma, pois o texto do sal e da luz foi escolhido pelo fundador, São Pedro Poveda, para a identidade e missão dos membros no meio do mundo ao estilo dos primeiros cristãos, uma presença que deve ser transformadora a partir de dentro, como “Igreja em saída”. O hino do Ano do Laicato já é para nós uma motivação forte para cada espaço de missão e o modo de alimentar e aprofundar nela e na vocação laical.



Acolhemos o convite para crescer na formação, no resgate da eclesiologia do Concílio Vaticano II, Igreja – Povo de Deus, para aprofundar a vocação laical, uma vocação para a vida do mundo, identidade, missão, espiritualidade própria, de encarnação, unindo fé e vida, oração e ação. Para a vida do mundo como “Igreja em saída”, convite explícito e insistente do Papa Francisco. A nossa resposta tem que ser viver a comunhão e o amor, o serviço, anunciar o Reino, denunciar as injustiças, administrar e partilhar os bens temporais a serviço da vida de todas e todos. Acolhemos o Ano do Laicato como compromisso de algo mais, de avançar para águas mais profundas. Atitude necessária para a ação humanizadora, humanitária, tão urgente no momento atual. Assim entendemos a exigência do plus do profissional cristão, como testemunha de uma ação que dá sabor e sentido à vida, função do sal. Testemunha de uma presença que possa iluminar novos caminhos de justiça, paz e vida digna para todas e todos. Testemunha de contribuição na transformação da massa, própria do bom fermento. Presença em tantos espaços da sociedade para o Reino de Deus acontecer. Atenção e cuidado especial com a Casa Comum,

na vivência de uma Ecologia Integral, de suma importância como garantia de que os Direitos Humanos e a cidadania sejam realidade para todas e todos. Quanto caminho a fazer...! A Campanha da Fraternidade de 2019 é uma oportunidade de suma importância que nos leva a um compromisso maior com as Políticas Públicas. É urgente crescer na participação cidadã, pois são muitos os desafios da realidade, os espaços que devemos ocupar na busca de um mundo diferente, mais humano, justo e fraterno e que é possível. Participação importante para assumir a responsabilidade cristã pelo irmão, o cuidado do outro, como testemunhas e participantes duma fraternidade universal. Um vasto campo para a perspectiva além do Ano do Laicato, que teve sua culminância na festa de Cristo Rei, na Romaria de Aparecida, mas que deve continuar na Igreja e para além de seus muros, Igreja em missão...

Nos parece que uma contribuição importante da Instituição Teresiana tem sido a disponibilidade de Lúcia Pedrosa, desde o início da caminhada até chegar ao Ano do Laicato para colaborar na reflexão e elaboração dos textos em relação ao tema proposto pela CNBB com a parceria do CNLB, nas várias assessorias e serviço em diversos espaços do CNLB Nacional, alguns regionais, organizações laicais e outros grupos. Isso teve grande ressonância ao interior de nossos espaços institucionais, onde a reflexão orada foi levada a cabo com muito entusiasmo.

Em resposta a essas motivações e solicitações foram várias as realizações, de maneira diferenciada segundo os espaços de presença e missão. Tudo no horizonte de nossa missão humanizadora e transformadora nas diversas mediações educativas e culturais e espaços de conquista e defesa dos Direitos Humanos e de uma vida digna para todas e todos. Uma maneira também diferenciada segundo as presenças concretas nos espaços do CNLB Nacional, dos Regionais e Diocesanos onde estamos inseridos.

Um destaque de especial importância é a Reunião Conjunta Anual da IT e outras reuniões de âmbito nacional. Tempo especial para avaliar a nossa prática no Projeto Comum de Missão. Este ano dedicado mais especificamente ao Ano do Laicato: o realizado, as ressonâncias, perspectiva. Isso unido à leitura da realidade tão desafiadora este ano, às demandas da Campanha de Fraternidade, Grito dos Excluídos, Campanhas importan-

tes e outros acontecimentos que pedem união de forças para o bem comum.

Podemos **destacar como espaços especiais: O CUP** – Centro de Atividades Pedro Poveda, em Campinas-SP com uma programação aberta e temas atuais:

Espiritualidade contemporânea: leigos na construção do Reino.

Análise de conjuntura sócio-política: compromisso de fé-política. Grupos de reflexão com o tema Fé-política.

Ano Nacional do Laicato – Política e Fé.

Conservadorismos na sociedade e na Igreja. Encontro com jovens engajados por um futuro melhor

Ataendi-Centro de Espiritualidade Teresiana, no Rio de Janeiro, que tem como objetivo a formação de leigos e leigas. Foram oferecidas atividades como as referidas acima e outras:

Preparação e vivência dos tempos litúrgicos fortes tendo em conta os objetivos e propostas do Ano do Laicato, da Campanha da Fraternidade e outros temas emergentes...

Círculos Bíblicos e outras atividades pastorais em Capelas de Comunidades periféricas.

Assessorias diversas sobre o Ano do Laicato.

Espaço significativo é também o **Centro de Animação Pastoral do Colégio Teresiano, Colégio de Aplicação da PUC-RIO**. Nas celebrações abertas periódicas se fazia uma breve catequese em torno ao Ano do Laicato e a vocação laical, o canto do Hino de Ano do Laicato ressoava em toda sua riqueza e se distribuía o santinho com a Oração do Ano do Laicato. O estandarte da Sagrada Família, que tivemos a sorte de ganhar na Assembleia de Belo Horizonte, era parte da ambientação da capela. Destaque especial foi a celebração da festa de Cristo Rei, Dia dos Leigos e Leigas.

O Centro de Animação seguiu também um programa de formação tanto para alunos/as na preparação para a Primeira Comunhão e para a Crisma como para professores e funcionários, atividade muito valorizada por eles. E organizou projetos e atividades de voluntariado, em algumas “periferias existenciais”.

Foi habitual o estudo, reflexão, oração a

nível de cidades e grupos diversos ao interior de nossos espaços associativos.

A Semana Missionária, experiência especial de Igreja em saída, foi programada como grupo com orações e compromissos associativos e realizada mais a título individual ou de pequenos grupos de acordo com determinado objetivo.



Destaco algumas missões concretas:

Projeto Teto, organizado pelo Centro de Animação Pastoral com um grupo de alunas e alunos dos últimos anos. Lugar: Gramacho, na Baixada Fluminense, antigo lixão que foi desativado deixando muitas famílias sem casa e sem condições de subsistência. Infelizmente as condições de vida foram sempre extremamente escandalosas, pois viviam do lixo. Objetivo do projeto, a construção de alguma casa junto com os moradores e de acordo com as necessidades por eles apresentadas. Acompanhados de professores pernoitavam fins de semana. Os frutos foram excelentes.

Projeto ajuda na distribuição da alimentação da população em condição de rua na Lapa, Rio de Janeiro. Voluntariado que trouxe para os alunos e alunas significativo crescimento em sensibilidade, atenção e solidariedade com o outro, especialmente o mais necessitado.

Uma experiência especialmente significativa foi assumida por uma das médicas da Instituição na **Caravana da Saúde promovida pela**

entidade Fraternidade Sem Fronteiras a Roraima para atender aos imigrantes venezuelanos. Junto com seu marido, engenheiro, participaram em duas caravanas em Roraima e uma em **Moçambique....**

São realizadas outras muitas experiências de inclusão, dentro de nosso carisma específico de uma educação inclusiva de qualidade, assumindo apoio a projetos sociais, bolsas de estudos e a cobertura necessária para que estudantes do interior possam fazer faculdade. Felizmente com ótimo rendimento.

Uma contribuição para o Ano do Laicato, para o CNLB em geral e para a Igreja é a divulgação do material do CNLB e da CNBB, assim como das atividades, entrevistas, mensagens, manifestos e presença significativa da presidente e outros membros, que fazemos em capelas de Comunidades periféricas, no interior do Estado, em lugares onde não chegaria e que é muito bem aproveitado. É assim a parceria em Comunidades de Três Rios, Sapucaia, algumas da Baixada Fluminense, além de outras formas de distribuição e divulgação do material.

Em todas as plataformas de missão e projetos houve boa repercussão da riqueza deste ano, que continua após a culminância na festa de Cristo Rei, no encerramento da IX Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus, com a Romaria do Laicato a Aparecida. Ressonância importante e de acordo com a especificidade dos mesmos. Somos agradecidos pelo rico legado que deixa o Ano do Laicato, para a Igreja e para a Sociedade. Motivações fortes para continuar a caminhada na transformação da sociedade, “até que tudo seja fermentado”. Um desafio a ser assumido com “esperança esperçada” e com o horizonte claro e definido: “Caminhamos na estrada de Jesus”. E temos a Mãe, que nos indica “**Fazei o que Ele vos disser!**”

Maria Rosa Morala/Rio de Janeiro

V - Caminhada do Regional Oeste 1 no Ano do Laicato



Visando o belo propósito da Igreja, Povo de Deus, em comemorar, a presença e a organização do Cristãos leigos e leigas; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na Igreja e na sociedade, a comissão articuladora, liderada pelo coordenador do Regional Oeste 1, em parceria com os Assessores da Comissão de Formação do CNLB Nacional, promoveu no Ano do Laicato, encontros de formação e organização nas dioceses de Campo Grande, Corumbá, Coxim, Dourados e Naviraí, contando sempre com a valiosa participação e colaboração dos senhores bispos diocesanos, aos quais elevamos nossos sinceros agradecimentos.

Promoveu também, juntamente com a equipe diocesana liderada pelo coordenador Anderson, encontros foraniais e paroquiais na diocese de Naviraí, sempre visando a formação e organização dos cristãos leigos e leigas em conselhos, motivando-os a exercer a missão de protagonistas como vocacionados e missionários a testemunhar

Jesus Cristo e seu Reino na Igreja e na sociedade.

Superando desafios, na plena consciência que o “Caminho se faz Caminhando”, propomos em todos os encontros a seguinte questão: **“O que tenho feito como cristão leigo e leiga na sociedade?”**

Moisés Batista dos Santos – CNLB Oeste1/MS

VI - Comissão Especial para o Ano Nacional do Laicato



Composição:

- Dom Severino Clasen (Presidente)
- Dom Orlando Brandes
- Dom Pedro Conti
- Dom Roberto Francisco Paz
- Dom José Reginaldo Andrietta

Assessores/as:

- Marilza Lopes Schuina
- Sônia Gomes de Oliveira
- Ivone Bortolato
- Laudelino A. dos Santos Azevedo
- Daniel Seidel (Secretário)

Seminário sobre a Semana Missionária

Em fevereiro de 2018, a Comissão realizou um Seminário preparatório para a “Semana Missionária” proposta no calendário do Ano Nacional do Laicato, abordando os “Novos Areópagos” de testemunho e ação do laicato. Contamos com a assessoria do Pe. Luís Mosconi e de membros da Associação Santas Missões Populares. Estiveram presentes representantes dos CNLB’s Regionais e dos COMIRES. Daí saiu a metodologia e o texto-base publicado pelas Edições CNBB.



Abertura do Ano Nacional do Laicato



Após três semanas com Círculos Bíblicos preparatórios, elaborados pelo CNLB e publicados pelas Edições CNBB (Encontros de Reflexão), a abertura foi realizada nas Igrejas locais, na solenidade de Cristo Rei, quando celebramos, também, o Dia Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas. Oficialmente, a Presidência da CNBB realizou a abertura durante a reunião do Consep (Conselho Episcopal Pastoral) no dia 28 de novembro de 2017, na sede provisória da Conferência, em Brasília.

Seminários Temáticos



Foram dezenas de Seminários Temáticos realizados nos Regionais da CNBB, em Arquidioceses e Dioceses, em Faculdades, Seminários e Institutos de Filosofia e Teologia, abordando temas ligados ao Laicato: “O Papa Francisco e o Laicato”; “Os Cristãos Leigos e Leigas numa Igreja ‘em saída’”; “Cristãos Leigos e Leigas: Identidade e Missão”; “Cristãos Leigos e Leigas: Igreja e Mundo”, dentre outros. Em alguns locais, teve, também, o caráter celebrativo do Ano Nacional do Laicato.

Visitação do Estandarte da Sagrada Família



Numa conjugação com a religiosidade popular, muitas Dioceses e Paróquias realizaram a peregrinação da imagem e/ou do estandarte da Sagrada Família pelas Comunidades, Escolas e Instituições Públicas, atingindo, de modo especial, as pequenas localidades urbanas e rurais e periferias.

Semanas Missionárias



Realizadas na semana de 22 a 29/07/18 em várias localidades e em datas diferentes em outras, as Semanas Missionárias contaram com um subsídio publicado pelas Edições CNBB, com orientações, metodologia e conteúdo para reflexão de cada dia. Com o tema: “Igreja ‘em saída’”, abordou os “novos areópagos” nos quais os cristãos leigos e leigas são chamados e enviados a testemunhar e agir segundo o Evangelho, sustentados na Doutrina Social da Igreja.

Legados do Ano Nacional do Laicato



A realização do Ano Nacional do Laicato se revelou como uma estratégia pastoral eficaz, visto que gerou um dinamismo na Igreja que não termina com a sua culminância. Certamente, o Espírito Santo gerou nos corações, mentalidades e estruturas muito mais de que podemos perceber e medir. O estudo e aprofundamento do Documento 105 e as propostas para os âmbitos eclesial e social, resultaram na criação e fortalecimento de CNLB's em muitas Dioceses, Escolas de Fé e Política em várias localidades, fortalecimento do controle social e de gestão participativa, especialmente através de Conselhos de Direitos etc. Na sequência, cumpre-nos intensificar os “Projetos Diocesanos de Formação do Laicato” (Dap, n.281; CNBB 102, n. 92; CNBB 105, n. 240). A Campanha da Fraternidade de 2019 se apresenta como ação privilegiada para a continuidade da proposta do Ano Nacional do Laicato.

Culminância do Ano Nacional do Laicato

Como Celebração e culminância do Ano Nacional do Laicato, foram realizadas, em Aparecida, a 9ª Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus e a Romaria do Laicato. Como afirma São Paulo, referindo-se ao Corpo Eclesial, “Se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.” (ICor. 12, 26). Assim, a Igreja: Corpo de Cristo na história, através das Presidências e membros da CNBB, CRB, CNP, CND, CNIS e CNLB reuniu-se para a culminância e Celebração do Ano Nacional, congratulando-se com os cristãos leigos e leigas do Brasil.

9ª Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus

Realizou-se, nos dias 22 a 25 de novembro de 2018, em Aparecida/SP, a 9ª Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus. Precedida de reuniões das Presidências, a Assembleia foi uma expressão da vivência da comunhão e Sinodalidade na Igreja. Foram 167 participantes representando a CNBB, a CNP, a CND, a CRB, a CNIS e o CNLB. São os Organismos que articulam, organizam e representam os membros do Povo de Deus segundo a identidade, vocação e ministérios que assumem (cristãos leigos e leigas, consagrados/as nos Institutos Seculares, religiosos e religiosas, diáconos, presbíteros e bispos). “Todos os estados de vida, tanto no seu conjunto, como cada um deles em relação com os outros, estão a serviço do crescimento da Igreja, são modalidades diferentes que profundamente se unem no ‘mistério de comunhão’ da Igreja e que dinamicamente se coordenam na sua única missão” (CfL, n. 55).

Como celebração e culminância do Ano Nacional do Laicato, teve como tema: “A Sinodalidade da Igreja e o Protagonismo dos Cristãos Leigos e Leigas”.

Agradecemos a Deus pela “Igreja, Corpo de Cristo na história, Povo de Deus peregrino e evangelizador”.(Doc 105, n. 92).



Comissão Especial para o Ano do Laicato

VII - O legado e os desafios que este Ano Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas traz para vida pastoral e social da Igreja

Estamos celebrando o Ano Nacional do Laicato para “melhor apoiar e incentivar a vida e a ação dos cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade” (CNBB 105, n. 275), como “ramos, sal, luz e fermento”.

O Ano está mobilizando toda a Igreja, especialmente os cristãos leigos e leigas, com o tema “Cristãos Leigos e Leigas, sujeitos na ‘Igreja em Saída’, a serviço do Reino” e o lema “Sal da terra e luz do mundo”. O propósito é tratar da vocação dos cristãos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais, para a clareza de sua missão e sua corresponsabilidade pela evangelização, tanto na Igreja como no mundo.

Definido de maneira positiva no Concílio Vaticano II, como “fiel incorporado a Cristo pelo Batismo, constituído povo De Deus e, a seu modo, feito partícipe do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG, 31), o cristão leigo e leiga tem como vocação própria “administrar e ordenar as coisas temporais, em busca do Reino de Deus” (LG 31).

As Conferências Episcopais Latino-americanas resgatam o avanço trazido do Concílio Vaticano II e alertam para os perigos da clericalização do leigo na vida da Igreja.

A Conferência de Medellín (1968), situa o laicato conforme a realidade temporal, cuja missão é ser testemunho de pobreza, ser santo num continente pobre.

A Conferência de Puebla (1979), toma por base a participação dos leigos e leigas na Igreja e no Mundo: “o leigo é o coração do mundo na Igreja e o coração da Igreja no mundo”, enfatiza os ministérios leigos, e alerta sobre os perigos da clericalização.

A Conferência de Santo Domingo (1992) também reflete sobre os cristãos-leigos na Igreja e no mundo chamando a atenção para que sejam

protagonistas da nova evangelização para expansão do Reino. Traz as mesmas problemáticas do Vaticano II e de Medellín no qual foram colocados os perigos de clericalização do leigo na vida da Igreja, que impede a sua verdadeira vocação.



A Conferência de Aparecida (2007), fala da vocação dos “fiéis leigos e leigas, discípulos e missionários de Jesus, Luz do Mundo” (cf. DAp, 209ss) e apresenta os cristãos leigos e leigas como *verdadeiros sujeitos eclesiais* (n. 496a).

Em 2012, falando ao Foro Internacional da Ação Católica, o Papa Emérito Bento XVI já ressaltava a importância da não clericalização do leigo e da leiga: “A corresponsabilidade exige uma mudança de mentalidade, relativa, em particular ao papel dos leigos na Igreja, que devem ser considerados não como ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas realmente ‘corresponsáveis’ do ser e do agir da Igreja. Por conseguinte, é importante que se consolide um laicato maduro e comprometido, capaz de oferecer sua contribuição específica para a missão eclesial, no respeito pelos ministérios e pelas tarefas que cada um desempenha na vida da Igreja (...).

O Papa Francisco trata como uma “praga”. “*O clericalismo* é também uma tentação

muito atual na América Latina. Curiosamente, na maioria dos casos, trata-se de uma cumplicidade pecadora: o pároco clericaliza e o leigo lhe pede por favor que o clericalize, porque, no fundo, lhe resulta mais cômodo. O fenômeno do clericalismo explica, em grande parte, a falta de maturidade e de liberdade cristã em parte do laicato da América Latina: ou não cresce (a maioria), ou se comprime sob coberturas de ideologizações (...), ou ainda em pertenças parciais e limitadas”. E aponta uma saída: “Em nossas terras, existe uma forma de liberdade laical através de experiências de povo: o católico como povo. Aqui vê-se uma maior autonomia, geralmente sadia, que se expressa fundamentalmente na piedade popular. O capítulo de Aparecida sobre a piedade popular descreve, em profundidade, essa dimensão. A proposta dos grupos bíblicos, das comunidades eclesiais de base e dos Conselhos pastorais se colocam na linha de superação do clericalismo e de um crescimento da responsabilidade laical”. (Papa Francisco, JMJ 2013).

Na carta ao cardeal Oullet, em março de 2016, Francisco fala do clericalismo como uma das maiores deformações que a América Latina deve enfrentar. (...) “O clericalismo leva a uma funcionalização do laicato; tratando-o como ‘mandatário’ limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa –Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política. O clericalismo, longe de dar impulso às diversas contribuições e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a inteira Igreja está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus e não só aos poucos eleitos e iluminados”.

Uma das maneiras de se libertar do clericalismo é a pastoral popular, ressalta Francisco. “Um dos poucos espaços em que o povo e o Espírito Santo puderam encontrar-se sem o clericalismo que procura controlar e moderar a unção de Deus sobre os seus”.

No espaço da Igreja, há muitas possibilidades nas quais os cristãos leigos e leigas exercem o seu ser e agir cristão como sujeito eclesial. O DOC. 105 da CNBB (n. 136ss), cita alguns espaços de atuação onde os cristãos leigos e leigas exercem seu ser e agir cristão: a família, a paró-

quia e as comunidades, os conselhos pastorais e econômicos, as assembleias e reuniões pastorais, as Comunidades Eclesiais de Base, etc.

Sobre os lugares de atuação do leigo e da leiga na vida pública, Francisco ressalta ainda na Carta ao Cardeal Oullet: “Não é o pastor que deve dizer ao leigo o que deve fazer e dizer, ele sabe tanto melhor que nós. Não é o pastor que deve estabelecer o que os fiéis devem fazer nos diversos âmbitos”.

Assim, o leigo comprometido não se deixa clericalizar, pois para além do compromisso com as obras da Igreja, o leigo, por sua própria realidade e identidade, está imerso na vida pública e cotidiana: na família, no trabalho, na política, na educação, na cultura, na ciência, na comunicação, na saúde, na casa comum, etc. (DOC 105 CNBB, 255ss).

O legado do Ano do Laicato será rico em todos os níveis da vida eclesial. Por isso se propõe criar um programa de formação com enfoque nos ministérios leigos, fortalecer a rede de comunidades e criar e fortalecer os Conselhos de Leigos e Leigas nos regionais e dioceses.

No âmbito da sociedade, promover mecanismos de participação popular para o fortalecimento do controle social e da gestão participativa e mobilizar a sociedade brasileira para a auditoria cidadã da dívida pública. Já disponível nas edições da CNBB, os círculos bíblicos sobre a auditoria cidadã da dívida. Este compromisso é nosso.

É importante ressaltar o cristão leigo, leiga, sujeitos da ação eclesial e social porque, como sujeito a pessoa será ela mesma, com todas as suas potencialidades, construída e construtora que foi na convivência com os demais.

A expectativa é que tenhamos, um laicato cristão de consciência crítica e maduro, atuante na Igreja e na Sociedade

Portanto, essa é a expectativa maior, a atuação de cristãos leigos e leigas que assumam sua missão nas realidades do mundo, onde só o leigo, a leiga é capaz de chegar e ser “Igreja no coração do mundo”.

Que possamos mover mentes e corações, corpo e alma, para que o laicato atue na Igreja e na Sociedade como verdadeiro SUJEITO.

Marilza José Lopes Schuina

Conselho Nacional do Laicato do Brasil - presidente

VIII - Conselho Nacional do Laicato do Brasil

Cristãos leigos e leigas comprometidos com a transformação e a serviço da vida



O ano de 2018 foi marcado pela realização de atividades relacionadas ao grande Ano Nacional do Laicato, com destaque para os seminários temáticos como: Simpósio sobre os aréopagos modernos em Teresina/Regional Nordeste IV, sobre os aréopagos modernos; seminário papa Francisco e o Laicato em Belém/Regional Norte 2; seminário sobre Conjuntura Política e Auditoria Cidadã da Dívida Pública em Manaus/Regional Norte 1 e em Palmas/Regional Norte 3; Encontro Regional do Laicato em Barra do Garças/Regional Oeste2 e muitos outros. Ao todo, foram 18 seminários realizados em todos os regionais que compõem o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), muitos deles em conjunto com a Igreja local.

Romarias do Laicato



As Romarias do Laicato pelo Brasil são uma forma de unir a piedade popular e a reflexão sobre a vocação, identidade, espiritualidade e missão do laicato, sempre a caminho, a serviço da vida plena para todos e todas, em cada canto e recanto deste país. A Romaria em São Benedito (CE), Bom Jesus da Lapa (BA) e em Aparecida (SP), entre outras, como atividade do Ano do Laicato, foi um marco referencial para avançarmos para “águas mais profundas”, “Cristãos Leigos e Leigas, sujeitos na Igreja em Saída, a serviço do Reino”.

**XXXVII ASSEMBLEIA DO CONSELHO NACIONAL DO
LAICATO DO BRASIL
DE 31 DE MAIO A 03 DE JUNHO DE 2018 – BELO HORIZONTE – MG**



***Cristãos Leigos e Leigas do Brasil
comprometidos/as com a transformação.***

De 31 de maio a 03 de junho ocorreu a XXXVII Assembleia Geral Ordinária - AGO do CNLB, em Belo Horizonte (MG), com o tema “Cristãos Leigos e Leigas comprometidos com a transformação” e o lema “Até que tudo fique fermentado”. Foi realizada em clima de reflexão e celebração resultando em compromissos assumidos incluindo a organização e formação do laicato, além da divulgação do Manifesto do CNLB, conclamando os cristãos leigos e leigas a assumirem ações concretas que visem, entre outras:

- Constituir um outro modelo de desenvolvimento que tenha em foco a distribuição da riqueza para todos e todas, assegurando o respeito ao meio ambiente;

- Defender, em comunhão com nossos bispos, eleições diretas, a efetividade da democracia participativa, resgatar a importância da participação política e assegurar que sejam realizadas (as eleições) de acordo com os princípios democráticos e éticos, para restabelecer nossa confiança e esperança. Propostas que desrespeitam a liberdade e o estado de direito não conduzem ao bem comum, mas à violência” (cf. nota da CNBB nº 269/2018);

- Romper com o círculo vicioso das más notícias, denunciar e combater o uso das “fake-news” (notícias falsas); mobilizar a sociedade para uma ampla reforma política com participação popular, incluindo o Poder Judiciário; e

- Denunciar a criminalização dos movimentos populares; resgatar e fortalecer a relação democrática entre sociedade e Estado.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DO LAICATO



O Seminário sobre “As Boas Práticas de Formação do Laicato” - um momento muito importante de graça na história da Igreja. Aconteceu de 26 a 28 de setembro, em Roma, na Itália, promovido pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. O CNLB integrou a comissão brasileira presente no evento e apresentou o programa de formação do Organismo que produz a Agenda Formativa do Conselho a cada ano, destinada à formação e organização dos Conselhos de Leigos e Leigas em âmbito regional e diocesano. Participaram, pelo Brasil, D. Severino Clasen, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato e Laudelino Augusto dos S. Azevedo, assessor da mesma Comissão e Marilza J. L. Schuina, presidente do CNLB.

I CONGRESSO CONTINENTAL DE LEIGOS

Com o objetivo de aprofundar a carta (março/2016) do papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, sobre a atividade pública dos cristãos leigos e leigas, com suas experiências e compromissos em cada sociedade, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) realizou de 1 a 4 de novembro no Centro de Formação Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista (SP), o I Congresso Continental de Leigos, que reuniu representantes de 10 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.



O evento foi realizado pelo CELAM juntamente com a Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) e contou com a participação de aproximadamente 130 pessoas.

Na mensagem do Congresso, os cristãos leigos e leigas, sujeitos eclesiais, assumiram o “compromisso de uma Igreja ‘em saída’, do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, em permanente conversão pastoral. Assumimos com coragem a defesa do meio ambiente em todas as suas formas, na perspectiva de uma ecologia integral, na busca da justiça e da paz para os nossos povos segundo nos ensina o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja, sendo ‘Sal da Terra e Luz do Mundo’”.

Foram grandes momentos em celebração ao Ano Nacional do Laicato. Leigos e Leigas na Igreja em saída, seguindo no comprometimento com a transformação, e em favor da vida!

A presidência do CNLB.

IX - **Laicato Formado por uma Igreja Viva, Profética, Alegre e Dinâmica**

“O grande legado do Ano Nacional do Laicato será a consciência da missão laical transmitida através de momentos de Formação”.



Participantes da VIII AGO do CNLB NE2. Fonte: CNLB NE2.

Todas as pessoas batizadas são convidadas a participar da construção do Reino de Deus e assumir os desafios do mundo moderno numa “verdadeira paixão pelo Reino” (DAp. 139). Todos os Cristãos leigos e leigas são convocados, de forma direta, a participar dessa construção e a assumir a responsabilidade frente aos desafios do mundo contemporâneo. Nesse contexto, verifica-se que o laicato se coloca numa entrega filial, pois oferece suas vidas, “angústias, esperanças e alegrias” (GEp.06) a favor do Reino de Jesus Cristo, que se transfigura a partir das injustiças, sobretudo, com os pobres e marginalizados.

Assim, todos são chamados a ser sujeitos eclesiais, construtores do Reino de Jesus, que já nos apresenta este projeto, quando diz: “Por onde andardes anunciai que o Reino dos céus está próximo” (Mt. 10,7); “Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo” (Mt.13-14). A partir das palavras de Jesus, compreendemos que os Cristãos

leigos e leigas deixam de ser, apenas, uma peça figurativa na missão da Igreja, pois, definitivamente, o Laicato desempenha papel fundamental na Evangelização. São os leigos, com seus dons e carismas, que transformam as realidades que os rodeiam.

A Igreja no Brasil, com o Ano Nacional do Laicato, coloca-nos no eixo primaz do protagonismo, diferente daquela piramidal, anterior ao Concílio Vaticano II, agora, não distingue cargos ou papéis, ao afirmar que todos são eleitos, convocados, consagrados, coparticipantes, porque um dia fomos batizados. Dessa forma, somos Sacerdotes, porque participamos do sacerdócio comum dos cristãos; somos, igualmente, Profetas do Reino e, ainda mais: somos Reis, porque temos a dignidade da unção batismal. Todos tornamo-nos iguais na mesma vocação: “Um povo santo e sacerdotal, uma raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus para anunciar os seus louvores” (1 Pedro 2, 4-10).

Desde então, o Documento de Aparecida

nos recorda que a Igreja deve elaborar planos pastorais que favoreçam “a formação de um laicato capaz de atuar como verdadeiro sujeito eclesial e competente interlocutor entre a igreja e a sociedade e entre a sociedade e a Igreja (n. 497^a). Com essa pertença, o marco referencial nas 21 Dioceses do Regional Nordeste Dois da CNBB, é a formação, através dos Conselhos Diocesanos do Laicato e das Comissões de Articulação. São essas duas instâncias que fazem acontecer, sem interrupção, uma grande e transformadora ação formativa. A prova concreta disso é a multiplicidade de ações que acontecem, simultaneamente, em diversas Dioceses, nos finais de semana, tendo sempre como ponto de partida a Palavra de Deus. O apogeu sobre as reflexões está no DOC 105, uma verdadeira e contagiante “transformação”, mediante as “formações” daí decorrentes. O DOC. 105 nos informa que, “cada organização laical deve assumir a formação de seus membros como tarefa primordial, o que exige empenho de todos”, daí advém responsabilidade do CNLB, cuja missão é formar e animar a vida do laicato organizado nas Dioceses. Por estarmos cientes da relevância da criação e do fortalecimento dos Conselhos Regionais e Diocesanos do Laicato, sabemos que o grande legado da nossa história resulta da formação: conscientizar o laicato, através dos frutuozos auxílios espirituais oferecidos pelo

CNLB, além de fortalecer os grupos - participando ativamente na criação de diversos CNLB's e Comissões de Articulação.

Dom Gabriel Marchesi, Bispo da Diocese de Floresta - PE nos alerta: “O Ano do Laicato veio para Acordar toda Igreja do Brasil de um sono que jamais poderá se repetir. Agora, a hora é do Laicato consciente, formado e pronto para ser um sujeito eclesial”. Nos diversos recantos, desde o litoral aos sertões, do agreste à zona da mata

Percebeu-se o processo de conscientização do povo de Deus, compreendendo e reconhecendo-se Sujeito Eclesial. E uma das formas de acontecer essa mudança, é pelo dedicado trabalho do laicato, organizado nos Conselhos Diocesanos e Comissões de Articulação.

O CNLB NE2, neste ano em que celebra seu Jubileu de Prata (1993-2018), conta com onze Conselhos instalados e oito Comissões de Articulação para o Laicato, um testemunho valoroso, gravado na memória da Igreja Católica no Nordeste do Brasil.

Podemos afirmar que o grande legado do Ano Nacional do Laicato será a consciência da missão laical transmitida através de momentos de Formação, e o crescimento do número de Conselhos Diocesanos e as Equipes de Articulação.

CONSELHOS DIOCESANOS DO LAICATO	
DIOCESES	FUNDAÇÃO
- CNLB NE2	03/06/1993
- Afogados da Ingazeira-PE	12/10/1996
- Maceió-AL	21/10/2000
- Floresta-PE	10/11/2003
- Palmeira dos Índios-AL	01/03/2015
- Garanhuns-PE	29/10/2016
- Penedo-AL	07/06/2014
- Guarabira-PB	26/08/2018
- Caruaru-PE	04/03/2018
- Campina Grande-PB	10/06/2017
- Cajazeiras-PB	17/07/2017
- Salgueiro-PE	27/11/2016

COMISSÕES DE ARTICULAÇÃO DO LAICATO	
DIOCESES	FUNDAÇÃO
- Olinda e Recife-PE	21/01/2012
- Nazaré-PE	25/03/2015
- Paraíba-PB	30/09/2015
- Caicó-RN	29/09/2015
- Mossoró-RN	23/02/2017
- Natal-RN	2017
- Palmares-PE	2016
- Pesqueira-PE	2018

João Victor, por Ascom CNLB NE2

X - CNLB - NE4/Piauí - Uma Atividade de Destaque ao Ano do Laicato



Entre muitas atividades alusivas ao Ano do Laicato, realizadas nas 08 (oito) Dioceses do Regional NE IV, queremos destacar o Curso de Aprofundamento da “Vocação Laical” promovido pela Arquidiocese de Teresina. O curso com uma carga horária de 200 horas, sendo 40h presenciais e 160h não presenciais com leituras, pesquisas, estudos e trabalhos apresentados, teve início no mês de fevereiro de 2018 e terminou em dezembro do mesmo ano. Foram 115 pessoas inscritas, mas com as desistências permaneceu até a conclusão do curso 65 alunos/as.

Os cristãos leigos e leigas que frequentaram o curso, na sua grande maioria são lideranças que coordenam movimentos, pastorais, setores, paróquias, entre outros ambientes eclesiais e também da sociedade, como formadores e formadoras de opinião.

A metodologia aplicada no curso seguiu os 10 módulos do curso à distância promovido pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil, nos anos de 2010 a 2011, neste particular, a coordenação

do mesmo ficou sob a responsabilidade das pessoas que concluíram o curso à distância, todas do quadro de formadores/as do CNLB Regional NE 04, e que pertencem à Arquidiocese de Teresina.

Pode-se apontar como destaque: a Visão Geral do Laicato Hoje; o assumir da sua Identidade e Vocação a partir de uma Eclesiologia do Povo de Deus; a importância do Laicato nos Documentos da Igreja, até então desconhecidos; o aprofundamento sobre “A Igreja do Carisma à Instituição”; os Desafios da Teologia para o Laicato, entre outros temas aprofundados, tem surtido um efeito exemplar com os vários testemunhos dados durante as apresentações dos trabalhos, mas o mais importante é o compromisso dos/das cursistas de se tornarem multiplicadores/as dos conteúdos estudados, fazendo com que o laicato sintam-se mais seguro, mais empoderado e mais consciente da sua missão na Igreja e na Sociedade, sendo “Sal da Terra e Luz do Mundo”, numa “Igreja em Saída”.

Maria das Graças Ferreira

XI - O Ano Nacional do Laicato – Regional sul 1



Iluminados pelas reflexões do Documento 105 da CNBB, vivenciamos muitas realizações marcadas pela alegria e esperança do laicato paulista e também pelos desafios apresentados nos novos areópagos.

Impulsionados a sermos Sujeitos Eclesiais, discípulos missionários, cidadãos, maduros na fé, comprometidos com uma maior comunhão com os Organismos do Povo do Deus, olhamos para nossa realidade e nos unimos objetivos comuns.

Diante de tantas necessidades e espaços a serem evangelizado, neste momento histórico com tantos clamores do povo, coube-nos o cuidado com a defesa da Democracia e dos Direitos conquistados com o sangue e suor de tantos leigos e leigas, ao longo dos anos.

Frente a tantos desafios eclesiais e sociais, reafirmamos o nosso esperar numa vida plena para todos (Jo 10,10), para afastar de vez o desânimo e a tristeza em nossa caminhada cotidiana.

Olhemos para a história do povo de Deus e

como Deus se faz presente sempre, para seguirmos nosso caminhar, firmes no projeto de fraternidade, justiça e amor, de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo.

O CNLB Regional Sul 1, fiel ao seu Plano de Ação 2015-2018, priorizou o fortalecimento do organismo, estando presente e dialogando com senhores bispos, coordenadores diocesanos de pastorais, e já começamos a vivenciar uma aproximação com várias dioceses, estando presente em muitos momentos de Formação Diocesanas, Reuniões nas Sub-Regiões.

O resultado foi uma maior aproximação das dioceses em que nem sequer se tinha um contato, criação de algumas equipes de articulação, como em São Carlos, Lins, Botucatu e a formalização em conselhos em várias dioceses como exemplo: Franca, São João da Boa Vista, Guarulhos, Mariília, Caraguatatuba, Araçatuba,

Com o foco no Ano Nacional do Laicato, muitas realizações nas dioceses como Seminários

Teológicos, Semanas de Fé e Política, Cursos em assuntos variados, em dioceses como Limeira, Santos, Campinas, Campo Limpo, São José dos Campos, nas várias Regiões Episcopais de São Paulo – Sé, Lapa, Belém, Santana. Organização do Grito dos Excluídos, participação na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos em Bauru.

A presidência esteve presente em espaços como no 23º Encontro Estadual da Pastoral da Comunicação, Congresso Continental de Leigos, Programas de TV e Assembleia dos Organismos do Povo de Deus.

Muitas outras atividades realizadas em geral pelo laicato, como nas dioceses de Osasco, Ourinhos, Araraquara, Sorocaba, independente da instituição do Conselho Diocesano, mas através das Pastorais Organizadas.

Vivenciamos um ano repleto de riquezas e graças com frutos promissores e continuamos a semear com muito amor na expectativa de boas colheitas.

E assim, sigamos na construção da civilização do amor e “até que tudo fique fermentado.”

Paz e Bem!

Presidência CNLB – Regional Sul 1

XII - Regional Leste II – Ano Nacional do Laicato

Instituído pela CNBB e celebrado de novembro de 2017 a novembro de 2018, o Ano Nacional do Laicato teve o seguinte objetivo: “Como Igreja, povo de Deus, celebrar a presença e a organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na sociedade”.



O tema escolhido para animar a mística deste ano foi: “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino” e o lema: “Sal da Terra e Luz do Mundo” (Mt 5,13-14); os quais nos desafiaram a sair do nosso comodismo, a ser sujeito e protagonista da ação evangelizadora e a sair dos muros das sacristias, como propôs o Papa Francisco e os vários documentos sobre o apostolado do leigo.

No Regional Leste II, formado pelos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, este ano foi

acolhido com entusiasmo por todas as Arqui/Dioceces que o integram. Na Assembleia Regional de Pastoral em novembro de 2017, os Arce/bispos deram o envio a todos os representantes das Arqui/Dioceces entregando a cada um(a) o estandarte da Sagrada Família, afim de que percorresse cada comunidade, sertão, casa ou casebre das comunidades animando a missão dos cristãos leigos e leigas do Regional para produzir bons frutos e ajudá-los a atuar de maneira orgânica, planejada e em comunhão com a Igreja. Foi um ano de muito aprendizado e vivência de experiências diversas.

O legado que ficou do Ano Nacional do Laicato é grande:

-Consciência que ser leigo/leiga é uma vocação

-Fortalecimento dos CNLBs como organismos de articulação, formação nas Arquidiocese/Dioceces e criação onde não existia.

-Maior percepção de que é necessário o cristão e a cristã leiga estarem nos diversos espaços sociais para transformá-los.

-Importância da formação, devido ao estudo em quase todas as Paróquias do documento 105.

-Maior comunhão entre leigos/as, padres e Bispos

-Maior compromisso missionário despertado pelas peregrinações com estandarte.

De todos os eventos destacamos a beleza, a emoção, a religiosidade nas visitas do estandarte às comunidades. Foram momentos de fé, reflexão, escuta e missão na visita às casas, celebrações da família, encontro com os jovens, crianças. Destaque para a visita às escolas, hospitais, presídios, prédios públicos, todos ávidos pela Palavra de Deus. Vivenciou-se com alegria o que o Papa Francisco tem insistido, “precisamos ser uma Igreja em saída, ir às periferias existenciais, aos que estão às margens”.

Assim vivenciamos o ano Nacional do Laicato. Alegramo-nos com as conquistas e louvamos a Deus por isso; mas continuamos com olhar de quem não se desespera com a dureza da realidade, mas confia no agir de Deus na história.

Leci Nascimento – Presidente do CNLB Leste 2



XIII - Ano Nacional do Laicato no Ceará



O CNLB Nordeste I, em sintonia com o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB Nacional), celebrou, no período de 26 de novembro de 2017 (Solenidade de Cristo Rei) a 25 de novembro de 2018, o Ano Nacional do Laicato, com o tema CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS, SUJEITOS NA “IGREJA EM SAÍDA”, A SERVIÇO DO REINO, e com o lema “SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO”.

De iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio da Comissão Episcopal Especial para o Ano Nacional do Laicato, o grande evento eclesial procurou motivar cristãos Leigos e Leigas para assumirem, em plenitude, a sua vocação e missão na Igreja e no mundo, nas realidades temporais e humanas, sobretudo, nas realidades política, econômica, social e cultural, por força do seu compromisso batismal, e na condição de protagonistas da Nova

Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura Cristã - Conferência de Santo Domingo.

As Igrejas Particulares que estão no Ceará, em espírito de comunhão e participação com o CNLB NE I, realizaram todos os eventos pautados no cronograma do Ano Nacional do Laicato.

Durante o período, foram realizados, no Regional Nordeste I, três seminários teológicos, por Blocos: BLOCO 1 – a Arquidiocese de Fortaleza, e as dioceses de Itapipoca e Quixadá; BLOCO B – as Dioceses de Crato, Iguatú e Limoeiro do Norte; BLOCO 3 – as Dioceses de Sobral, Crateús e Tianguá.

O seminário teológico do Bloco 1 aconteceu em Fortaleza (Arquidiocese), com a assessoria da Teóloga Tânia Couto, que discorreu sobre o tema “A Teologia do Laicato”.

Tânia Couto fez considerações sobre o

Concílio Vaticano II, seus principais documentos, dando ênfase à Constituição Dogmática “Lumen Gentium”, especificamente, o capítulo IV, que trata dos leigos, da compreensão do seu nome, da sua dignidade como membros do Povo de Deus, da sua vida salvífica e apostólica, e da sua participação no sacerdócio comum e no culto, no múnus profético de Cristo, e no testemunho, e, por fim, no múnus de reger.

No Bloco 2, o seminário teológico aconteceu na Diocese de Iguatú, com as assessorias de Francineuda, Presidenta do CNLB NE I, e Geralzinho, Secretário da Comissão para o Laicato do Regional Nordeste I. O seminário refletiu sobre a importância do Leigo, e o seu protagonismo, e a necessidade da “Igreja em saída”, e do “Laicato em saída”, conforme proposta do Papa Francisco.

No Bloco 3, o seminário teológico aconteceu na Diocese de Tianguá. O seminário buscou despertar novas lideranças leigas comprometidas com a construção do Reino de Deus, bem como, celebrar a presença, a atuação e a organização dos Cristãos Leigos na vida da Igreja.

As celebrações do Ano Nacional do Laicato culminaram com a realização da Iª Romaria do Laicato da Diocese de Tianguá – CE. Mais de cinco mil cristãos participaram da Romaria, vindos da Arquidiocese de Fortaleza e das demais Dioceses que estão no Ceará. No final, Dom Francisco Edmilson, Bispo de Tianguá, e Referencial dos Leigos no Regional CNBB Nordeste I, agradeceu a presença de todos e aos que contribuíram para o sucesso da grande Romaria laical.

Que os cristãos Leigos e Leigas sejam Sal da Terra e Luz do Mundo. Sal da Terra, que dê sabor ao pão partilhado com todos os irmãos na estrada de Emaús das nossas Vidas. Luz do Mundo, que faça resplandecer os seus raios sobre toda terra.

Pedro Cadeira – da Comissão de
Comunicação do CNLB NE I

XIV - Espiritualidade Laical na Formação de Verdadeiros Sujeitos Eclesiais

Lúcia Pedrosa-Pádua²⁰



RESUMO

A espiritualidade cristã é integral e integradora. No texto, são articuladas as dimensões pessoal, eclesial, sociopolítica e ecológica da espiritualidade laical. Em cada dimensão, são tratados alguns desafios urgentes na formação dos cristãos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais, dentre eles: a contemplação do Deus de Jesus Cristo, com sua vida, sua cruz e sua carne; a superação do clericalismo; a construção da comunhão na liberdade e responsabilidade dos sujeitos eclesiais; a superação da divisão entre fé e vida; a não alienação dos problemas ecológicos.

PALAVRAS-CHAVE

Espiritualidade. laicato. sujeito eclesial.

ABSTRACT

Christian spirituality is integral and integrating. The text articulates different dimensions of the spirituality of laity: personal, ecclesial, socio-political and ecological dimensions. In

each one, are treated some urgent challenges in the formation of laity as true ecclesial subjects, among them: the contemplation of the God of Jesus Christ, with his life, his cross and his flesh; the overcoming of clericalism; the construction of communion in freedom and responsibility of the ecclesial subjects; overcoming of division between faith and life; non-alienation of ecological problems.

KEYWORDS

Spirituality. laity. ecclesial subject.

INTRODUÇÃO

O Ano do Laicato²¹ enseja uma reflexão particular sobre os cristãos leigos e leigas, no momento eclesial e social brasileiro. O laicato é instado a desenvolver uma nova consciência como sujeito na Igreja e fermento bom numa realidade marcada pela corrupção e pela desigualdade.

Neste contexto, o presente artigo contribui com uma reflexão sobre a espiritualidade laical a partir de quatro dimensões: pessoal, eclesial, sociopolítica e ecológica. Em cada dimensão, serão privilegiados aqueles que são, na visão da autora, os principais desafios.

1- PANO DE FUNDO: O PROCESSO DE TORNAR-SE SUJEITO ECLESIAL

O Documento 105 da CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade. Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5, 13-14)*, baliza a reflexão atual sobre o laicato no Brasil.²² Em sua ideia cen-

²⁰ Lúcia Pedrosa-Pádua é doutora em teologia sistemática pela PUC-Rio, onde é pesquisadora e professora em tempo contínuo. Atua nas áreas de Antropologia Teológica, Mariologia e Espiritualidade. Graduada em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, MG) e em Economia pela UFMG. Coordena o Ataendi, Centro de Espiritualidade da Instituição Teresiana no Brasil, dedicado à formação de cristãos leigos e leigos e trabalha na ação pastoral junto a comunidades. Integra o Grupo de Reflexão da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato, da CNBB.

²¹ A CNBB inaugurou o Ano do Laicato na solenidade de Cristo Rei de 2017, com encerramento no mesmo dia, em 2018. A cada ano, nesta Solenidade, será celebrado o Dia Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas.

²² CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade. Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5, 13-14)*. Documento 105. Brasília, CNBB, 2016. A partir de agora citado como "CNBB. Documento 105", seguido do número correspondente.

tral, afirma que o cristão leigo é convidado a ser verdadeiro *sujeito eclesial* na Igreja e no mundo. E coloca algumas características deste ser sujeito:

O cristão leigo é verdadeiro sujeito na medida em que cresce na consciência de sua dignidade de batizado, assume de maneira pessoal e livre as interpelações da sua fé, abre-se de maneira integrada às relações fundamentais (com Deus, com o mundo, consigo mesmo e com os outros) e contribui efetivamente na humanização do mundo, rumo a um futuro em que Deus seja tudo em todos.²³

Ser sujeito, no entanto, depende de um processo que, infelizmente, pode ser malogrado. Assim sendo, a verdadeira chamada da atualidade eclesial, aos cristão leigos e leigas, é entrar na dinâmica de fazer-se sujeito, de passar de fiel passivo a sujeito ativo.²⁴ Apesar de o Concílio Vaticano II ter clarificado, há mais de cinquenta anos, que todos na Igreja – Povo de Deus – são incorporados a Cristo pelo batismo e têm a mesma dignidade²⁵ e que os cristãos leigos são caracterizados pela “índole secular”²⁶, constata-se que é preciso crescer nesta consciência e abandonar a ideia de que os leigos são cristãos “de segunda categoria”, noção errônea alimentada por estruturas igualmente viciadas nesta maneira de auto identificação. Isto implica assumir o Batismo de maneira renovada, como consagração fundamental que realiza a inserção em Cristo e a participação em sua vida, quer seja na missão da Igreja, quer seja nas realidades temporais. Cristão leigos e leigas “levam ao mundo a esperança do Reino”, ao mesmo tempo em que “trazem à Igreja as questões e interrogações do mundo”²⁷. Isto implica uma consciência de cidadania plena no seio da comunidade eclesial e uma maior sensibilidade às interpelações da fé, especialmente aquelas que brotam das situações de conflitos e tensões vividas no mundo da família, do trabalho ou da cidade, em orientação a um mundo de mais justiça e solidariedade, para todos e todas.

O Papa Francisco se associou à iniciativa

23 CNBB. Documento 105, nº 124.

24 Cf. PASSOS, João Décio. A emergência do sujeito na Igreja. In: *Sujeitos no mundo e na Igreja*. São Paulo: Paulus, p. 25-43.

25 *Lumen Gentium*, nº 32.

26 *Lumen Gentium*, nº 31.

27 KUZMA, Cesar e SANTINON, Ivenise T. G. A teologia do laicato no Concílio Vaticano II. In: *Sujeitos no mundo e na Igreja*. São Paulo: Paulus, p. 142.

da CNBB em inaugurar o ano dedicado ao laicato e enviou uma mensagem ao presidente da Comissão Episcopal para o Laicato, mas tendo por destinatários cada cristão leigo e leiga brasileiro.²⁸ Nessa Carta, Francisco os anima a se sentirem “interpelados pela chamada a ser protagonistas da ‘nova saída missionária’ que Deus pede à Igreja”. Isto significa, em primeiro lugar, uma consciência nova de não se encerrar na instituição paroquial ou diocesana, mas, sim, “sair porta fora”, para procurar e encontrar tanta gente que espera o Evangelho. Assim, a consagração pelo Batismo e Confirmação leva à missão particular de transformar as realidades terrenas, “para que toda atividade humana seja transformada pelo Evangelho”. Em segundo lugar, Francisco lembra que esta nova saída missionária é concreta e vivida na situação atual brasileira: “é preciso que os cristãos assumam sua responsabilidade de ser o fermento de uma sociedade renovada, onde a corrupção e a desigualdade deem lugar à justiça e solidariedade”.

Dois elementos teológico-pastorais chamam a atenção nesta pequena mensagem do Papa: uma nova consciência de sair dos limites da instituição paroquial ou diocesana para evangelizar, enraizada na consagração pelo Batismo e Confirmação, e a concretização da justiça e solidariedade numa realidade brasileira marcada pela corrupção e pela desigualdade.

Com este pano de fundo, passamos às dimensões da espiritualidade laical, iniciando pela dimensão pessoal.

2- DIMENSÃO PESSOAL: ESPIRITUALIDADE FORTE, INTEGRADA E ENCARNADA

Uma espiritualidade forte e integrada é o que se pede aos cristãos leigos e leigas. No século XVI, Santa Teresa de Jesus convocava os cristãos a uma especial fortaleza na espiritualidade: “especialmente nestes tempos em que os amigos de Deus precisam ser fortes”.²⁹ Fortaleza que se dava no aprofundamento da relação de amizade com Jesus – amizade saboreada e cultivada – e que

28 Mensagem do Papa Francisco na inauguração do Ano do Laicato a D. Severino Clasen. Vaticano, 15 de novembro de 2017. Disponível em <http://www.cnlb.org.br/?p=2531>. Acesso em 15/02/2018.

29 SANTA TERESA DE JESUS. *Livro da Vida*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1983, cap. 15, 5, p. 113.

gerava liberdade, compromisso e alegria. Ora, o convite à fortaleza na espiritualidade é um desafio de ontem e de hoje. Vejamos os elementos principais desta espiritualidade laical em dimensão pessoal.

2.1- UM PEQUENO ITINERÁRIO MARCADO PELA LÓGICA DA ENCARNAÇÃO

Um pequeno itinerário para a vivência da espiritualidade laical foi proposto pelos bispos latino-americanos na Conferência de Puebla. A formulação permanece iluminadora e atual como ponto de partida.³⁰

O primeiro passo consiste em não buscar o caminho de fuga das realidades temporais para encontrar a Deus, mas, ao contrário, perseverar no meio delas, de forma presente e ativa, para descobrir, ali, a presença do Senhor. Continuando o itinerário, esta perseverança ativa busca infundir, nesta realidade temporal, as inspirações da fé e uma intencionalidade ou sentido de caridade cristã. Outro passo é, à luz da fé, descobrir a presença do Senhor naquela realidade. Parte essencial do itinerário, em meio aos conflitos e tensões que a missão nas realidades sociais suporta, é renovar a identidade cristã pelo contato com a Palavra de Deus, pela intimidade com o Senhor na Eucaristia e sacramentos, e pela oração.

Este itinerário espiritual proposto pela Igreja latino-americana visibiliza a realidade teológica, eclesial e teológica – não apenas sociológica – da “índole secular” que caracteriza especialmente a ação dos leigos, da qual falam o Concílio Vaticano II e, mais tarde, a Exortação *Christifidelis Laici*.³¹

Na mesma linha de inserção na realidade, os bispos brasileiros, no Ano do Laicato, convidam a uma espiritualidade “encarnada”³², caracterizada

pela “lógica da Encarnação”³³. A espiritualidade laical traz por fundamento o encontro com Jesus Cristo e assim valoriza os mistérios da encarnação e da redenção de Jesus Cristo. Este enfoque deve permear, afirmam os bispos, a formação laical desde o processo da iniciação cristã. Esta lógica de encarnação leva a infundir as inspirações da fé e do amor, vividos a partir do seguimento de Jesus Cristo, nos ambientes e realidades em que cristãos leigos e leigas vivem e trabalham.

A espiritualidade encarnada manifesta o encontro com Jesus Cristo, que se realiza de diferentes formas, principalmente na escuta da Palavra de Deus, na vivência dos sacramentos, na comunhão vivida na fraternidade, no estudo dos Evangelhos, no encontro com os pobres e aflitos e na oração. Este encontro multifacetado reenvia o cristão a seus ofícios ordinários na família e nos trabalhos.

2.2- ENCONTRO COM JESUS CRISTO, SUA CRUZ E SUA CARNE

Na espiritualidade encarnada, ênfase especial é dada à oração que leva ao encontro com Deus em Jesus Cristo e assim, à vida em comunhão e fecundidade apostólica. Sobre a oração, vemos no Documento dos bispos brasileiros um parágrafo significativo:

É preciso cultivar um espaço interior dinamizado por um espírito contemplativo que ajude a cuidar da integridade da consciência e do coração e dê sentido cristão ao compromisso e às atividades.³⁴

O “espírito contemplativo” permite reafirmar, no dia-a-dia, de forma sempre renovada, a ressoar no interior do coração como experiência e convicção pessoais, o valor da fé em Cristo, carregada de humanidade e humanização:

Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém

30 CELAM. A evangelização do presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1979, n°s 797-798, p. 252 (de ora em diante citado como Puebla, seguido do número correspondente).

31 VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 77, n° 31 (de ora em diante citada como *Lumen Gentium*, seguida da numeração correspondente); JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Christifidelis Laici*. Vocação e Missão dos Leigos. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 34-38, n° 15 (de ora em diante citada como *Christifidelis Laici*, seguida da numeração correspondente).

32 CNBB. Documento 105, n°s 184-200.

33 CNBB. Documento 105, n° 184 que cita, nesta expressão, a Carta Apostólica *Novo Millennium Ineunte*, n° 52.

34 CNBB. Documento 105, n° 186.

volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam.³⁵

Num movimento de aprofundar as melhores intuições do *Documento de Aparecida*, o Papa Francisco tem insistentemente convidado a uma espiritualidade ancorada no encontro com Jesus Cristo, com sua carne e sua cruz, o que significa que uma espiritualidade nunca pode ser puramente espiritual.³⁶ Ela será sempre relacional, integradora e missionária.

Todos são convocados a descobrir e transmitir a “mística de viver juntos”³⁷, e isto implica na ação concreta de misturar-se com as outras pessoas, oferecer o braço, apoiar-se, correr o risco de encontrar-se com o olhar e o rosto concreto do outro. Fora desta mística, a espiritualidade não será cristã, mas alienante e não responderá à sede de Deus com que a realidade interpela o cristianismo. O encontro com Cristo coloca os cristãos num processo de criar vínculos, enfrentar dificuldades, suportar incômodos e sofrimentos advindos do fortalecimento de uma vida comprometida. Ele cria motivos para viver e morrer.

O encontro com Jesus Cristo provoca integração entre pensamentos e sentimentos, pela força da Palavra de Deus, que trespassa a pessoa como um todo. A familiaridade com os Evangelhos exige, sim, um mínimo de aprofundamento teológico, mas vai além dele, em direção a uma interiorização da Palavra que gera transformações profundas no coração e na mente, integrando-os e gerando uma “nova mentalidade”³⁸. Assim sendo, o encontro com Cristo pela Palavra purifica as intenções do coração, discerne os sentimentos e assim integra corpo, coração, mente e espírito.

O encontro com Jesus Cristo tem poder irradiador, ele gera discípulos missionários. Uma força centrípeta, em direção ao centro de si, está agregada à poderosa força centrífuga que faz brilhar a verdade do Evangelho através do testemunho no mundo. A espiritualidade cristã integra, necessariamente, transformação do coração e

compromisso social.³⁹ Esta é a única orientação verdadeiramente válida, pela lógica da encarnação, no interior da qual Jesus ordena que o tesouro maior do coração seja o Reino de Deus (Mt 6,21; 13,44) e, ao mesmo tempo, que esta força do coração se traduza no amor concreto (Mt 25,40). Outras propostas são mutiladoras do Evangelho, parciais e desagregadoras. Sim, é verdade que esta integração é constantemente ameaçada pela fraqueza humana, pela “busca doentia de si mesmo, pela comodidade egoísta”⁴⁰ – tentações que se apresentam à fragilidade humana. Por isso o necessário aprofundamento no “espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade”⁴¹.

A espiritualidade encarnada é assim uma espiritualidade integral. Pela força do encontro com Jesus Cristo ela implica não apenas a conversão pessoal, mas renovação da experiência comunitária, compromisso formativo, compromisso missionário na Igreja e nas realidades sociais, especialmente naquelas em que se encontra em jogo a vida dos pobres, aflitos e doentes. Comunhão e missão acontecem na experiência de alteridade, interação de diferenças e diálogo.

2.3- ATENÇÃO A PROPOSTAS DE ESPIRITUALIDADES DESAGREGADORAS

Neste espírito da espiritualidade forte, encarnada e integral, fica claro porque o *Documento 105* alerta para as “místicas que não servem”. O espírito de “revelações privadas”, devocionismos próprios de uma vivência individual e sentimental da fé e propostas místicas desprovidas de vigoroso compromisso social e missionário não se coadunam com ela. São vistos como propostas parciais e desagregadoras que mutilam o Evangelho.⁴²

Igualmente daninho é o “mundanismo espiritual”, termo cunhado pelo Papa Francisco e assumido no Documento.⁴³ Este mundanismo é sutil precisamente porque, aparentemente, é espiritual. Apresenta uma roupagem de espiritualidade, mas confia em suas próprias forças, por isso configura-

35 PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Brasília: CNBB, 2013, nº 265, p. 151, de ora em diante citado como *Evangelii Gaudium*, seguido do número correspondente.

36 Cf. *Evangelii Gaudium*, nº 87.

37 *Evangelii Gaudium*, nº 87. Ver também nºs 88-92.

38 *Evangelii Gaudium*, nº 149. Ver também nºs 150 e 151.

39 *Evangelii Gaudium*, nº 262.

40 *Evangelii Gaudium*, nº 263.

41 *Evangelii Gaudium*, nº 262.

42 CNBB. Documento 105, nºs 195-196.

43 *Evangelii Gaudium*, nº 94; CNBB. Documento 105, nºs 199-200.

-se como um neo-pelagianismo (uma versão atual da corrente da antiguidade que afirmava a capacidade do ser humano de salvar-se por suas próprias forças). Este mundanismo pode atingir a liturgia, quando exagerada e exibicionista; manifesta-se em atitudes de fidelidade às normas e seguranças doutrinárias e disciplinares, com sua tendência a analisar, desqualificar e controlar os demais; camufla-se no fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas; esconde-se num funcionalismo empresarial dentro das próprias comunidades. Enfim, o discernimento dos espíritos que impulsionam a missão encontra sempre o seu Norte no encontro sincero com os Evangelhos.

3- DIMENSÃO ECLESIAL DA ESPIRITUALIDADE LAICAL

A espiritualidade cristã possui uma dimensão necessária eclesial. Mas, em que direção vai este crescimento da consciência de ser Igreja? Duas direções são apontadas, a superação do clericalismo e a construção de uma comunhão eclesial.

3.1- UMA ESPIRITUALIDADE QUE SUPERA O CLERICALISMO

O clericalismo é uma deformação da espiritualidade laical muito presente na América Latina. Tende a identificar a Igreja com o clero e a centralizar nele a estrutura, as atividades e as decisões eclesiais, tendo por consequência o enfraquecimento da consciência dos cristãos leigos em seu ser Igreja, o esgarçamento da comunhão eclesial e o comprometimento da missão libertadora da Igreja no mundo. O clericalismo tem sido recorrentemente denunciado após o Concílio Vaticano II.

Reunidos em Conferência, em Medellín, 1968, os bispos já observavam a insuficiência da resposta dos cristãos leigos aos desafios de solidariedade e libertação apresentados na trama da história latino-americana. Percebiam também a pequena integração dos mesmos na Igreja, o desconhecimento de sua legítima autonomia e a falta de assessores capazes de acompanhar as novas exigências da missão dos leigos.⁴⁴

44 CELAM. Medellín, 1968. In: Documentos do CELAM. Rio de Janeiro. Medellín. Puebla. Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 161-163. Parte 10. Movimentos leigos, n.ºs 1.4; 1.5; 2.2; 2.3.

Mais tarde, os bispos latino-americanos, em Puebla, 1979, nomeavam o problema a obstaculizar a promoção efetiva do laicato: “a persistência de certa mentalidade clerical em numerosos agentes pastorais, clérigos e até mesmo leigos”⁴⁵. Este clericalismo figurava como um dos motivos que dificultavam a participação ativa e responsável dos cristãos leigos e leigas em campos como o político, o social e o cultural, particularmente nos mundos agrário e operário.

Praticamente as mesmas palavras de Puebla são repetidas, mais tarde, na Conferência de Santo Domingo (1992), que se tornou conhecida por proclamar a prioridade pastoral de “uma Igreja na qual os fiéis cristãos leigos sejam protagonistas”⁴⁶. Além da mentalidade clerical, o texto detecta que a “dedicação preferencial de muitos leigos a tarefas intra-eclesiais e uma deficiente formação privam-nos de dar respostas eficazes aos atuais desafios da sociedade”⁴⁷. Mas, apesar de se dedicarem a tarefas do interior da Igreja, fazem-nas de forma pouco consciente, pois o documento também detecta que os leigos “sentem-se católicos, mas não Igreja”⁴⁸.

Em Aparecida (2007), os bispos latino-americanos, uma vez mais, lamentam uma “compreensão limitada do caráter secular que constitui a identidade específica dos cristãos leigos, caindo numa espiritualidade individualista e, por outro lado, adotando atitudes relativistas no que diz respeito à ética e à religião”⁴⁹. Para isso, veem como fundamental uma formação que os ajude na atuação como “discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo da transformação da sociedade”⁵⁰, com incidência real nela.

Vemos, portanto, como o clericalismo se configura como uma mentalidade enraizada fortemente na Igreja latino-americana, renitente como uma erva daninha, que atinge precisamente aquilo

45 Puebla, n.º 784. Cf. também n.º 785.

46 CELAM. Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Santo Domingo. Texto oficial. 2.ª ed. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 125, n.º 103 (de ora em diante citado como Santo Domingo, seguido do número correspondente)

47 Santo Domingo, n.º 96.

48 Santo Domingo, n.º 96.

49 CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1.ª ed, 2008; 15.ª reimpressão. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2008, n.º 100c (de ora em diante citada como Aparecida, seguida do número correspondente).

50 Aparecida, n.º 283.

que é específico da vocação laical, a sua “índole secular”, aquela que faz com que o cristão perceba que o seu compromisso como Igreja o leva ao

mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media” e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento.⁵¹

É ali que os cristãos, impregnados do Evangelho, expandem o Reino de Deus, ajudam a frutificar as sementes evangélicas já presentes e operantes nas coisas do mundo e assim se colocam ao serviço da salvação em Jesus Cristo.

A mentalidade clerical atinge também o processo no qual os cristãos leigos se tornam sujeitos eclesiais. Perde-se de vista a dignidade e responsabilidade da consagração batismal reafirmada no Concílio Vaticano II, em seu movimento de volta às fontes evangélicas e patrísticas. O cristão leigo é reduzido a colaborador na Igreja, e não responsável de seu ser e missão. O clericalismo mantém os cristãos leigos alienados de sua consciência de ser Igreja e à margem das decisões.⁵²

Tão forte é esta mentalidade na América Latina, que chama a atenção a contundência das palavras do Papa Francisco na *Carta ao Cardeal Marc Ouellet*.⁵³ Inicia recordando a famosa frase: ‘Chegou a hora dos leigos’, mas observa: “parece que o relógio parou.” Na mesma carta, chama o clericalismo de “deformação” que “anula a personalidade dos cristãos” e, ainda pior, tende a “diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo”. O clero, ao tratar os cristãos leigos como “mandatário”, limita as “iniciativas, esforços e audácias” necessárias para “anunciar a Boa Nova do Evangelho em to-

dos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política”. O clericalismo, “apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a inteira Igreja está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos”. Esquece que “a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus (cf. *Lumen gentium*, 9-14) e não só a poucos eleitos e iluminados”.

O clericalismo é, portanto, um problema teológico e teológico, ao atingir a noção mesma da Igreja e da ação da graça batismal em todos os cristãos. Ele compromete a responsabilidade de todo o Povo de Deus em seu ser e missão, inibe a ação pastoral e a ação evangelizadora na sociedade, ao serviço ao Reino de Deus.

Na interrelação entre a presença dos cristãos leigos na Igreja e no mundo, o clericalismo desfigura a sugestiva síntese de Puebla: a de que os cristãos leigos são “homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”⁵⁴.

3.2- UMA ESPIRITUALIDADE QUE CONSTROI COMUNHÃO

Na comunidade há *diversidade de vocações, carismas e ministérios*.⁵⁵ A comunhão entre todos é chamada a ser respeitosa, de recíproca apreciação e reconhecimento. Ela exige cristãos leigos e leigas maduros e a desclericalização das mentalidades e estruturas, na Igreja. Apenas assim é possível pensar em verdadeira comunhão eclesial, numa caminhada como Povo de Deus que cumpre sua missão evangelizadora em unidade, na diversidade de ministérios. Ou seja, numa Igreja sinodal⁵⁶.

3.2.1- CONSTRUIR A COMUNHÃO COMO VERDADEIROS

54 Puebla, nº 786; Aparecida, nº 209.

55 Cf. CNBB. Documento 62. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas. São Paulo: Paulinas, 1999.

56 Em seu sentido etimológico, o termo grego “sinodo” significa “caminhar juntos”. O exercício de caminhar juntos acontece, num primeiro nível, nas Igrejas particulares, através de seus organismos de comunhão (inclusive dos cristãos leigos); em seguida, no nível das Províncias Eclesiásticas e Conferências Episcopais e, em terceiro nível, na Igreja universal, com o Sínodo dos Bispos. A sinodalidade traduz a ideia da Igreja Povo de Deus, que cumpre sua missão evangelizadora em verdadeira unidade na diversidade de carismas e ministérios. O caminho sinodal que culmina no Sínodo dos Bispos é um dos frutos mais importantes do Concílio Vaticano II. Cf. ROCHA, Cardeal Sérgio da. 3. Sinodalidade: caminhar juntos na missão. In: CNBB. Missão permanente. Reflexões e propostas. 4º Congresso Missionário Nacional. Brasília: CNBB, 2017, p. 55-63.

51 PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, nº 70. In: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em 20/01/2018. Cf. *Christifidelis Laici*, nº 23.

52 CNBB. Documento 105, nº 126; *Evangelii Gaudium*, nº 102.

53 PAPA FRANCISCO. Carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. In: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html. Acesso em 20/01/2018. Também: BOGAZ, Antônio S. e HANSEN, João H. Papa Francisco e a crítica ao clericalismo. In: OBSERVATÓRIO ECLESIAL BRASIL. Todos somos discípulos missionários. Papa Francisco e o laicato. São Paulo: Paulinas, 2017.

SUJEITOS ECLESIAIS

Na direção oposta ao clericalismo, o *Documento 105* da CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade*, como já foi dito, convoca os cristãos leigos e leigas a serem verdadeiros sujeitos eclesiais para atuar na Igreja e no mundo.

O que é ser um *sujeito eclesial*? Primeiramente, e pelo lado negativo, o sujeito não é um objeto ou um destinatário passivo de determinações externas a ele. Ao contrário, ele tem consciência de sua identidade e missão na Igreja. Assim, é possível caminhar na direção da superação do clericalismo, e do individualismo e do fechamento em comunidades. O clericalismo pode trazer uma sensação de comodidade para o cristão leigo/leiga, por torna-lo apenas um “colaborador do padre”, mas, em sua profundidade, já foi observado acima, ele fere e trai o mistério batismal que, ao contrário, realiza a inserção em Cristo e gera sujeitos livres, criativos e corresponsáveis pelo ser e missão da Igreja. O individualismo, por sua vez, é força cultural tremenda que se fecha à comunhão oferecida por Deus e à missão na sociedade. Por último, o fechamento em comunidades trai a comunhão plena e a sinodalidade, pois há dificuldade de interação com outros sujeitos eclesiais.

É o próprio Jesus a chave de um verdadeiro sujeito: “Jesus nos ensina a ser sujeitos de nossa vida”⁵⁷.

Por que Jesus é verdadeiro sujeito? O Documento explicita:

Por palavras e ações, ele foi verdadeiramente sujeito de sua vida e de seu ministério. Ele é modelo para todo cristão, chamado a ser sujeito livre e responsável, capaz de opções, de decisões e de um amor incondicional.⁵⁸

Observemos acima as características esperadas de um verdadeiro sujeito: liberdade, responsabilidade, capacidade de opções e de decisões, capacidade de amar incondicionalmente.

Continuando a caracterização de Jesus como sujeito, no mesmo parágrafo, são descritas a origem e as interpelações de suas atitudes:

Suas atitudes convidam a uma nova ma-

neira de ser, que brota do coração transformado, não da lei. Suas decisões manifestaram os caminhos concretos do amor ‘até o fim’ (Jo 13,1). E é através dele, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6) que podemos chegar a Deus.

Assim sendo, é Jesus mesmo a origem do discípulo como sujeito:

No seguimento de Jesus, como seus discípulos, todos somos sujeitos de nossa vida e de nossa missão, conscientes de nossa dignidade, livres de qualquer escravidão e capazes de doar-nos ao serviço do Reino de Deus, da comunhão eclesial e do amor ao próximo.⁵⁹

Mas não se trata de um seguimento externo, como a um líder. Trata-se de algo mais substancial, que nos é dado pela fé e na fé: “A fé em Jesus Cristo nos insere em sua vida, em seus sentimentos, em sua própria pessoa e em sua missão (Jo 15,1-8; Fl 2,5) (...) nos impulsiona e convoca a ser verdadeiros sujeitos na Igreja e na sociedade”⁶⁰.

Isto implica uma mudança do coração e da mentalidade em direção a uma verdadeira comunhão. Cristãos leigos e leigas precisam ver-se como realmente “corresponsáveis” do ser e do agir da Igreja⁶¹. Superar o clericalismo torna-se fundamental para comunidades de sujeitos livres e criativos, em comunhão que em nada se assemelha à subserviência, à tutela ou a comodidades na missão na sociedade e na Igreja. Nessa missão, a comunhão eclesial não pode se esquecer dos pobres, ao contrário, ela entra no movimento de privilegiá-los; ninguém pode se eximir deste mandato evangélico.

3.2.2- CONSTRUIR A COMUNHÃO NA LIBERDADE, NA AUTONOMIA E NA RELACIONALIDADE

Para o desenvolvimento deste “ser sujeito” dos cristãos leigos e leigas, o *Documento 105* destaca três características: a liberdade, a autonomia e a relacionalidade com relação aos ministros ordenados. Qual dessas realidades é a mais impor-

57 CNBB. Documento 105, nº 91.

58 CNBB. Documento 105, nº 91.

59 CNBB. Documento 105, nº 91.

60 CNBB. Documento 105, nº 91.

61 CNBB. Documento 105, nº 87.

tante? Poderíamos dizer que, nesta tríade, a mais importante é a partícula “e”. Cada cristão se revela sujeito ao assumir essa liberdade, essa autonomia e essa relacionalidade, num movimento de interação e fecundação mútuas. O sujeito eclesial

é livre quando toma consciência da nova criatura que se tornou livre em Cristo e da realidade na qual está inserido; é autônomo, quando é capaz de decidir por si mesmo; é relacional, quando se abre aos outros e ao mundo. Dessa maneira, descobre-se responsável por si e pelos outros.⁶²

Liberdade, autonomia e relacionalidade não são apenas características de cada ser humano maduro, mas são, antes de tudo, um dom do Cristo crucificado e ressuscitado. É o próprio Cristo quem oferece a todos a possibilidade de se fazerem sujeitos. Particularmente, Cristo “torna sujeitos os que não são considerados em sua dignidade pessoal, como os pobres e marginalizados”, porque, com Jesus, “sua autonomia é recuperada em novas relações de amor e afeto que libertam (Lc 7,36-50; Jo 8,1-11; Mc 5,1-20; Lc 19,1-10)”⁶³.

Assim sendo, a comunhão, na Igreja, se dá entre batizados, libertos para a vida nova no serviço e no amor. A comunhão não se opõe à liberdade, ao contrário, ela gera liberdade para o amor concreto; a recíproca também é verdadeira, pois a liberdade do amor promove comunhão. As relações, no interior da Igreja, são chamadas a ser um espaço para a aprendizagem e a experiência de liberdade, autonomia e relacionalidade.

3.2.3- CONSTRUIR A COMUNHÃO NO EXERCÍCIO CONCRETO DAS ATIVIDADES ECLESIAIS

A espiritualidade laical se alimenta na experiência concreta em organismos de participação e corresponsabilidade. Exemplos são os Conselhos Pastorais, tanto paroquiais quanto em níveis mais amplos, como o diocesano, regional e nacional. Já observou o Papa Francisco que “O bom funcionamento dos conselhos é determinante. Acho que

estamos muito atrasados nisso”⁶⁴. Outros exemplos podem ser vistos na dinâmica da religiosidade popular⁶⁵, dos grupos bíblicos, ou no exercício dos ministérios leigos nas Comunidades Eclesiais de Base⁶⁶.

Dentro destas experiências de comunhão, ressoa a necessidade de mudanças nas estruturas eclesiais em todos os seus níveis, com suas dinâmicas. Dentre estas estruturas, não é excluída a revisão e ampliação do Código de Direito Canônico, no sentido de remodelação de estruturas orientadas ao laicato. Este não poderia ter mais direitos de intervenção nos serviços e ministérios eclesiais? Os corpos representativos dos leigos não poderiam ter maior intervenção na tomada de decisões nas diversas instâncias eclesiais, incluindo-se as reuniões sinodais? Estas são tarefas de futuro para a Igreja.⁶⁷

4- DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA: RUMO À SUPERAÇÃO DA VELHA DICOTOMIA ENTRE FÉ E VIDA

A dimensão sociopolítica da espiritualidade convoca à abertura aos areópagos que hoje desafiam a solidariedade concreta dos cristãos no mundo.⁶⁸ Como enfrentar o vasto e complexo mundo das realidades temporais sem expressar, na vida concreta, as “virtudes sociais e políticas”⁶⁹?

Espiritualidade e política se articulam internamente porque ambas são chamadas a acolher o mesmo dinamismo: o amor. O cristão leigo e leiga, convidado a ser verdadeiro sujeito eclesial, é chamado a abrir-se a este dinamismo.

Por um lado, a espiritualidade é um movimento integral e integrador de deixar-se conduzir

62 CNBB. Documento 105, nº 123.

63 CNBB. Documento 105, nº 124.

64 FRANCISCO, Encontro com a Comissão de Coordenação do CELAM, in Mensagens e Homilias – JM Rio 2013. Brasília: Edições CNBB, 2013, nº 4, p. 91. Cf. CNBB. Documento 105, nº 141.

65 Cf. FRANCISCO. Carta ao Cardeal Marc Ouellet, já mencionada neste texto.

66 CARIAS, Celso. O ministério leigo na comunidade eclesial. In: GRUPO DE REFLEXÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO DA CNBB. Sujeitos eclesiais. Sal da terra e luz do mundo. Reflexões sobre o Documento 105. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 37-46.

67 DEMEL, Sabine. De la ayuda subordinada a la cooperación al mismo nivel. La remodelación del laicado para que la estructura eclesial deje de estar centrada en el clero. Concilium 368 (2016) 739-750. Compilação em Selecciones de Teología Vol. 56, nº 223 (2017), p. 227-233.

68 Cf. PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Espiritualidade e política: cinco apelos aos cristãos leigos e leigas. In: GRUPO DE REFLEXÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO DA CNBB. Sujeitos eclesiais. Sal da terra e luz do mundo. Reflexões sobre o Documento 105. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 57-67.

69 Aparecida, nº 505.

pelo Espírito de Deus (Rm 8,14), que é Espírito de amor, pois Deus é amor. Por sua vez, a política é uma forma do amor, pois o amor, afirmou Bento XVI, dinamiza não apenas as microrrelações, como amigos, família ou pequenos grupos, mas também as macrorrelações, como os relacionamentos sociais, econômicos e políticos.⁷⁰ A política é, nas palavras do Papa Francisco, “uma das formas mais preciosas da caridade”⁷¹.

O *Documento 105* traz um apelo a cultivar uma espiritualidade que ajude a superar algumas relações de exclusão e oposição que se encontram presentes na mentalidade de muitos cristãos leigos: a *oposição-exclusão entre fé e vida*; a *oposição-exclusão entre sagrado e profano*, a *oposição-exclusão entre Igreja e mundo* e a *oposição-exclusão entre ser cristão e ser cidadão*. Segundo esta lógica de oposição-exclusão, mães e pais de família, trabalhadores e trabalhadoras, profissionais liberais ou políticos nem sempre percebem que, através de sua dedicação, trabalho e profissão, de fato, prestam um serviço a Deus e ao testemunho da Igreja, construindo as mediações concretas do amor, da justiça e da fraternidade nas famílias e na sociedade civil.

Na dinâmica do encontro com Jesus Cristo vivo, vale observar como a fé se expressa em todas as dimensões da vida: pessoal (Mt 6,21), familiar (Mt 19,14; Lc 15,11), comunitária (Mt 18,21), profissional (Lc 19,8), sociopolítica (Mt 6,24; 25,35), religiosa (Mt 7,21) e ecológica (Mt 6,26). Assim, não pode haver nenhum âmbito da vida humana que esteja fora da presença e ação amorosa do Deus que “se encarnou neste nosso chão marcado pelo mal e pelo sofrimento para transforma-lo e trazer uma vida nova”⁷². Com relação a esta superação da relação de oposição-exclusão em direção a uma relação mais integradora, o Documento também nos traz a famosa expressão de Santa Teresa de Jesus: “Entre as panelas está o Senhor”⁷³, lembrando que todos os espaços humanos, menos o pecado, podem ser mediação da maravilhosa ação libertadora de Deus.

Não há oposição entre ser cristão e ser ci-

dadão, ao contrário, há inter-relação. O mesmo movimento que constrói a Igreja constrói também cidadãos que sabem se reconhecer e conviver. Há relação entre comunhão e participação na Igreja e presença ativa no mundo.⁷⁴

O compromisso sociopolítico transformador nasce do amor apaixonado por Cristo⁷⁵, alimenta-se da contemplação do próprio modo de agir de Deus: ele “desce” e “entra” em nosso mundo e em nossa história para assumir em tudo a nossa existência. Por isso, quando imaginamos, erroneamente, que para encontrar e servir a Deus devemos nos “elevar”, no sentido de deixar as coisas das tramas de nossa história, pedimos a conversão para agir inspirados no Evangelho: que ele nos ajude a “descer” e “entrar” em tudo o que é humano, que constrói um mundo mais humano e que nos humaniza e, ali, buscar as mediações do amor, quer sejam políticas, jurídicas, culturais ou econômicas.⁷⁶ Trata-se de um serviço cristão ao mundo, missão de todo o povo de Deus.

A espiritualidade laical pode fazer um eco decidido da exortação do Papa Francisco: “Apesar de se notar uma participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela *aplicação do Evangelho na transformação da sociedade*”⁷⁷.

5- DIMENSÃO ECOLÓGICA E UNIVERSAL DA ESPIRITUALIDADE

A dimensão ecológica não pode estar fora dos esforços da espiritualidade laical em acolher o Espírito de Deus. Toda força de interconexão e interdependência do cosmos reflete o amor e a comunhão de Deus Trindade. O ser humano, como consciência desta comunhão, pode dar voz à natureza ferida e todos os seus danos – de forma particular aos pobres da terra – e é capaz de recomeçar uma nova história, em que o individualismo e a autorreferencialidade são superados em prol

70 BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in veritate*. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, nº 2, 2009. In: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em 20/01/2018.

71 *Evangelii Gaudium*, nº 205.

72 CNBB. Documento 105, nº 133a.

73 CNBB. Documento 105, nº 133b.

74 CNBB. Documento 105, nº 170.

75 CNBB. Documento 105, nº 167.

76 Cf. CNBB. Documento 105, nºs 169-171.

77 *Evangelii Gaudium*, nº 134. Também: CNBB. Documento 105, nºs 63. 65. 258-266

de uma existência solidária com todos.⁷⁸ Toda atividade humana tem uma dimensão ecológica e não pode ser separada dela. Todo compromisso sociopolítico está relacionado a um compromisso ecológico.

Na plena comunhão, o ser humano é colocado integralmente em suas relações fundamentais: com Deus, com os seres humanos, com a terra, consigo mesmo. A terra é nossa casa-comum, e pode ser comparada com uma mãe ou irmã “com quem partilhamos a existência”⁷⁹. Grande alienação é esquecer que somos, nós mesmos, terra (cf. Gn 2,7). “O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”⁸⁰.

A espiritualidade laical acolhe toda a família humana, chamada a se tornar “família de Deus”⁸¹ pelo testemunho e trabalho dos cristãos, em esperançosa parceria com todos as mulheres e homens de boa vontade, e em diálogo com as diferentes religiões e formas de pensar a Deus. Somos membros de uma mesma humanidade. A renovação da espiritualidade parte da “consciência basilar”⁸² de nossa origem comum, uma pertença recíproca e um futuro partilhado por todos. Apenas esta consciência pode fazer ver a necessidade e possibilidade de uma mudança enquanto humanidade em direção à comunhão plena.

CONCLUSÕES

A espiritualidade laical é integral e integradora. Ela se realiza na trama de múltiplas dimensões. No texto, foram ressaltadas as dimensões pessoal, comunitária, sociopolítica e ecológica. Em cada dimensão, foram sublinhados os desafios que nos pareceram mais urgentes na formação dos cristãos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais.

Na dimensão pessoal, a espiritualidade laical desenvolve a capacidade de encontrar o Se-

nhor no interior das realidades temporais. Deixa-se inspirar e tocar pelo mistério da Encarnação, pela contemplação do Deus de Jesus Cristo, com sua vida, sua cruz e sua carne. Assim, desenvolve-se como espiritualidade forte, integradora e encarnada.

Na dimensão eclesial, a superação do clericalismo mostra-se como desafio espiritual, urgente, a ser superado na construção de uma comunhão na diversidade de carismas e ministérios. O desenvolvimento da autonomia e liberdade na relação é aprendida na própria contemplação dos Evangelhos e é articulada com a experiência de efetiva participação e corresponsabilidade no ser e missão da Igreja, como Povo de Deus.

A dimensão sociopolítica da espiritualidade se desenvolve na superação de entraves de uma autêntica espiritualidade cristã que seja geradora de compromisso com a justiça e a solidariedade na sociedade. De forma particular, a relação de oposição e/ou exclusão entre a fé e a vida ainda se mostra forte, a interpelar uma necessária integração. Ligada a ela, encontra-se a dimensão ecológica da espiritualidade, pela qual o cristão leigo e leiga desenvolve um novo pensar, sentir e agir mais responsável com o presente e o futuro do planeta.

Enfim, no discurso sobre a espiritualidade laical, o que está em jogo é dar um passo a mais na formação de verdadeiros sujeitos eclesiais e de cristãos que se abrem às realidades que gritam por justiça e amor, para ali encontrar a Deus e contribuir para a expansão do seu Reino.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in veritate*. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, 2009. In: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em 20/01/2018.

BOGAZ, Antônio S. e HANSEN, João H. Papa Francisco e a crítica ao clericalismo. In: OBSERVATÓRIO ECLESIAL BRASIL. Todos somos discípulos missionários. Papa Francisco e o laicato. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 43-57.

CARIAS, Celso. O ministério leigo na comunidade eclesial. In: GRUPO DE REFLEXÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO DA CNBB. *Sujeitos ecle-*

78 Cf. PAPA FRANCISCO. Encíclica *Laudato si*. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015, nº 208, p. 123, de ora em diante citada como *Laudato si*, seguida do número correspondente.

79 *Laudato si*, nº 1.

80 *Laudato si*, nº 2.

81 Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo atual, n. 32. In: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em 28.07.17.

82 *Laudato si*, nº 202.

siais. Sal da terra e luz do mundo. Reflexões sobre o Documento 105. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 37-46.

CELAM. *A evangelização do presente e no futuro da América Latina*. Conclusões: Puebla. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1979.

CELAM. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Santo Domingo*. Texto oficial. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1ª ed, 2008; 15ª reimpressão. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2008.

CELAM. Medellín, 1968. In: *Documentos do CELAM*. Rio de Janeiro. Medellín. Puebla. Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade*. Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14). Documento 105. Brasília, CNBB, 2016.

CNBB. *Documento 62. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 1999.

DEMEL, Sabine. De la ayuda subordinada a la cooperación al mismo nivel. La remodelación del laicado para que la estructura eclesial deje de estar centrada en el clero. *Concilium* 368 (2016) 739-750. Compilação em *Selecciones de Teología* Vol. 56, nº 223 (2017), p. 227-233.

FRANCISCO, Encontro com a Comissão de Coordenação do CELAM. In *Mensagens e Homilias – JMJ Rio 2013*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Christifidelis Laici*. Vocação e Missão dos Leigos. Petrópolis; Vozes, 1990.

KUZMA, Cesar e SANTINON, Ivenise T. G. A teologia do laicato no Concílio Vaticano II. In: *Sujeitos no mundo e na Igreja*. São Paulo: Paulus, p. 123-143.

PAPA FRANCISCO. *Carta ao Cardeal Marc Ouellet*, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. In: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html. Acesso em 20/01/2018.

PAPA FRANCISCO. Encíclica *Laudato si*. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB,

2015.

PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco na inauguração do Ano do Laicato a D. Severino Clasen. Vaticano, 15 de novembro de 2017. <http://www.cnlb.org.br/?p=2531>. Acesso em 15/02/2018.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013.

PASSOS, João Décio. A emergência do sujeito na Igreja. In: *Sujeitos no mundo e na Igreja*. São Paulo: Paulus, p. 25-43.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. In: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em 20/01/2018.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Espiritualidade e política: cinco apelos aos cristãos leigos e leigas. In: GRUPO DE REFLEXÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO DA CNBB. *Sujeitos eclesiais*. Sal da terra e luz do mundo. Reflexões sobre o Documento 105. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 57-67.

ROCHA, Cardeal Sérgio da. 3. Sinodalidade: caminhar juntos na missão. In: CNBB. *Missão permanente*. Reflexões e propostas. 4º Congresso Missionário Nacional. Brasília: CNBB, 2017, p. 55-63.

SANTA TERESA DE JESUS. *Livro da Vida*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1983.

VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. In: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em 28.07.17.

(texto publicado na Revista Encontros Teológicos. Florianópolis. V.33. N.1. jan.-abr. 2018, p. 13-33)

XV - Anexos

Anexo 1:

MANIFESTO DO CNLB

“Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais”.
(Papa Francisco, EG 102)

Nós, participantes da XXXVII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL - CNLB, realizada em Belo Horizonte/MG, de 31 de maio a 03 de junho de 2018, refletimos profundamente as realidades do mundo e do Brasil, verificamos que o modelo de desenvolvimento econômico IMPOSTO ao povo brasileiro, aprofunda cada vez mais o empobrecimento e desigualdades da maioria da população, onde pessoas de todas as idades passam fome, não têm trabalho ou melhorias na qualidade de vida, para que se acumulem rendas destinadas ao capital financeiro.

Nosso país sofreu a deposição de um governo eleito pela maioria do povo brasileiro, substituído por um grupo que colocou o país na mão dos ricos e seus interesses. Por isso, além de não vermos legitimidade no processo político atual, discordamos das mudanças constitucionais IMPOSTAS com o congelamento dos investimentos nas políticas sociais e com a reforma trabalhista, e, da intenção de fazer a previdenciária. Isso destrói os avanços democráticos conquistados.

Nós, Cristãos Leigos e Leigas da Igreja Católica, sujeitos e protagonistas na Igreja e na sociedade, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, compreendemos que a dignidade humana, a democracia e o cuidado com a casa comum são o centro nesta construção da sociedade do Bem Viver. Conclamamos, pois, todos os cristãos, a que assumam individualmente e nas instâncias organizativas, ações concretas que visem:

- Constituir um outro modelo de desenvolvi-

mento que tenha em foco a distribuição da riqueza para todos e todas, assegurando o respeito ao meio ambiente;

- Defender, em comunhão com nossos bispos, eleições diretas, a efetividade da democracia participativa, resgatar a importância da participação política e “assegurar que sejam realizadas (as eleições) de acordo com os princípios democráticos e éticos, para restabelecer nossa confiança e nossa esperança. Propostas que desrespeitam a liberdade e o estado de direito não conduzem ao bem comum, mas à violência” (cf. nota da CNBB nº 269/2018);
- Romper com o círculo vicioso das más notícias, denunciar e combater o uso das “fake-news (notícias falsas);
- Mobilizar a sociedade para uma ampla reforma política com participação popular, que inclua o Poder Judiciário;
- Realizar a Auditoria Cidadã da Dívida Pública Brasileira;
- Defender uma reforma tributária que torne justa a tributação;
- Denunciar a criminalização dos movimentos populares;
- Resgatar e fortalecer a relação democrática entre sociedade e Estado;
- Implementar a Lei do Renda Cidadã;
- Combater as perseguições, prisões e injustiças políticas;
- Estimular os eleitores (cidadãos) a NÃO votar nos candidatos à reeleição que votaram nas Propostas de Emenda Constitucionais em desfavor do povo brasileiro e da democracia.

Por fim, conclamamos aos cristãos leigos e leigas a viverem a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão na Igreja e na sociedade, sendo “fermento, sal e luz, até que tudo fique fermentado” (Mt 5, 13-14. 13,33)

Belo Horizonte, 03 de junho de 2018.

XXXVII Assembleia Geral Ordinária do CNLB

Anexo 2:



RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA,
UNIDOS PELA JUSTIÇA E PAZ!

Ele, porém, respondeu: “Eu vos digo: se eles se calarem, as pedras gritarão” Lc 19, 40

Estamos vivendo tempos difíceis no Brasil. Males que pretendíamos ter deixado para trás voltam a nos atormentar e fazem sofrer o nosso povo. Pobreza absoluta, miséria e fome, desemprego e subemprego, mortalidade infantil, restrição e piora dos serviços públicos de educação e saúde, aumento da violência urbana e rural são algumas das pragas que sonhávamos estarem acabando.

Tempos moldados pelos interesses do capital financeiro e seus principais aliados, que se utilizam dos grandes meios de comunicação e tentam exercer uma hegemonia ideológica sobre o conjunto da sociedade.

Em 2016 aconteceu um Golpe de Estado no Brasil. Votou-se o “impeachment” da presidenta Dilma, por argumentos hoje reconhecidos como falaciosos. Após isso, implantou-se um governo sem legitimidade alguma que tem implementado um programa econômico autocrático, que destrói as políticas sociais e retira direitos, servindo a uma agenda neoliberal, seguindo plenamente os ditames do Capital, na contramão do projeto aprovado pela população nas eleições majoritárias de 2014.

Esse “governo” diminuiu substancialmente a participação da Petrobras no Pré-sal, vinculou os preços dos combustíveis ao mercado internacional, cortou o gasto público em despesas sociais

por duas décadas, aprovou a terceirização da mão de obra em atividades fim, fez uma Reforma Trabalhista à imagem e semelhança dos interesses patronais, diminuiu drasticamente o número dos beneficiários do Bolsa Família, reduziu as verbas para saúde e educação, desmontou a fiscalização do combate ao trabalho escravo, estancou a demarcação de terras indígenas e quilombolas, aniquilou a Reforma Agrária em nosso país e busca liberar a compra-venda de terras para o mercado internacional, inclusive de terras de fronteiras.

Desde 2016, o orçamento federal sofre cortes substanciais em políticas sociais: universidades e institutos federais deixados à míngua; hospitais universitários e institutos de pesquisas sendo desmontados; redução orçamentária da CAPES, impedindo a formação continuada de professores; a agricultura familiar abandonada, a indústria nacional, especialmente a construção civil, naval e a do petróleo, jogada ao acaso.

Os resultados desse horror logo repercutiram para as maiorias sociais. Houve um grande aumento do desemprego, precarização do trabalho e a renda média das famílias dos trabalhadores caiu, deixando milhões ao desalento.

Em meio a essa barbárie social, Itaú-Unibanco, Bradesco e Santander tiveram em 2017, lucro líquido de R\$ 53,9 bilhões⁸³. Valor concentrado, fundamentalmente, por quatro famílias, livre de qualquer imposto ou contribuição social. Ou seja, quase duas vezes o valor do Bolsa-família para todo ano de 2018 que atenderia a 39 milhões de famílias beneficiárias.

Além disso, está em curso no Brasil um processo agressivo de transferência de renda do Estado para setores privilegiados, por meio de isenção de impostos, do perdão de dívidas e do sistema da dívida pública. O insaciável mercado mostra uma voracidade infinita ditando reformas que aumentarão ainda mais os seus escandalosos lucros, sem se importar com a escalada de sofrimento humano.

A ênfase que se dá ao combate à corrupção dissocia-se do enfrentamento às gritantes desigualdades sociais. Floresce um discurso que instrumentaliza esta luta contra a corrupção, que se tornou mecanismo para subverter a agenda pública nacional da Constituição de 1988, cujos os ob-

83 Fonte: <https://www.valor.com.br/financas/5341329/lucro-de-grandes-bancos-cresce-21>

jetivos fundamentais são: construir uma sociedade livre, justa e solidária, garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais.

Nesse quadro, os donos do poder fazem verdadeiros malabarismos jurídicos e políticos com a intenção de perdurar no tempo o atual modelo: judicialização da política e politização da justiça com notória seletividade e perseguição. O autoritarismo e a parcialidade do nosso sistema judicial aviltam o Estado democrático de direito. Exemplo disso é a substituição da vontade popular por um processo casuístico que prendeu o ex-presidente Lula e tenta inviabilizar sua candidatura à Presidência da República.

As eleições de 2018 serão uma das mais decisivas da história brasileira, pois nelas se enfrentarão projetos de país e sociedade, representados por partidos e candidaturas aos Executivos e aos Legislativos. Por um lado, estarão aqueles identificados com o atual governo tentando se legitimar, por outro, aqueles genuinamente portadores dos anseios mais profundos do povo brasileiro na sua incansável saga por soberania e direitos universalizados.

Nessas eleições outro grande desafio para as forças da resistência democrática e popular é enfrentar candidaturas com forte conteúdo neofascista.

Neste momento dramático, em que estão em risco o presente e o futuro de nossa nação, não podemos “lavar as mãos”, nos omitir, nem buscar refúgio na neutralidade. O momento exige solidariedade com os empobrecidos, oprimidos e marginalizados.

Para tanto, propomos construir um programa que seja uma referência e orientação para nossa gente nas eleições e que possa movimentar a espiral de cidadania e do bem comum.

Entre esses pontos, as entidades signatárias propõem:

1. Revogação das mudanças aprovadas na CLT que retiram direitos trabalhistas.
2. Reversão das privatizações executadas e fortalecimentos das empresas públicas.
3. Revogação da Emenda Constitucional 95, que congela os investimentos sociais por 20 anos.
4. Realização de uma Auditoria Cidadã da

Dívida Pública, que consome aproximadamente metade de todo o orçamento público brasileiro.

5. Realização de Reforma Tributária que combata a desigualdade, taxando as grandes fortunas, as grandes heranças, os dividendos de grandes empresas e do sistema financeiro. Reversão das isenções fiscais e do perdão de dívidas e cobrança dos impostos devidos por grandes empresas.

6. Retomada dos programas sociais nos moldes anteriores a 2016, reforçando-os e universalizando-os.

7. Denúncia da partidarização e seletividade do judiciário.

8. Respeito à presunção da inocência e a Constituição que garante que a prisão somente deve ocorrer quando todos os recursos e instâncias tenham se esgotado.

9. Mobilizar a sociedade para uma ampla Reforma do Estado, que estimule mecanismos de participação direta, promova a democratização e a pluralidade dos meios de comunicação e garanta o pleno respeito aos direitos humanos.

10. Implementação do direito a demarcação das terras indígenas e quilombolas e realização de uma reforma agrária ampla e popular, com incentivos à produção agroecológica e agroflorestal e à comercialização de alimentos saudáveis para toda a população brasileira.

Cáritas Brasileira

Comissão Brasileira Justiça e Paz

Comissão Pastoral da Terra

Conferência dos Religiosos do Brasil

Conselho Indigenista Missionário

Conselho Nacional do Laicato do Brasil

Conselho Pastoral dos Pescadores

Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social

Fórum Direitos Humanos e da Terra – MT

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida

Pastoral Carcerária

Pastoral Operária

Serviço Pastoral do Migrante

Anexo 3:



CNLB

I CONGRESSO CONTINENTAL DE LEIGOS

MENSAGEM FINAL

Como discípulos missionários do Senhor, nós, cristãos leigos e leigas convocados pelo Conselho Episcopal Latino-americano/CELAM, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB e pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil/CNLB, representantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, nos reunimos com a presença do CELAM e do Dicastério para Leigos, a Família e a Vida no Centro Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista/São Paulo/Brasil, entre os dias 1 a 4 de novembro, para o I Congresso Continental de Leigos, com a temática do protagonismo do leigo e da leiga segundo a experiências vividas nos pré-congressos regionais da América Latina e a carta do Santo Padre Francisco, dirigida ao Cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina.

O Congresso foi realizado em clima de fraternidade e comunhão. Vimos e constatamos que o continente latino americano ainda vive profundas injustiças em muitos níveis: a desigualdade, um processo político dirigido pelas elites, uma corrupção sistêmica, o aumento dos níveis de pobreza, a agressão ao ambiente, comandado por sistemas capitalistas, neoliberais ou antidemocráticos, que tem gerado o desemprego e a ameaça à vida humana. A opressão das populações, em especial aos pequenos, vulneráveis e pobres e a violação da democracia. Frente a tudo isto, vê-se a necessidade da presença dos cristãos leigos e leigas no mundo social e eclesial.

Julgamos que a realidade do continente, marcado por muitas injustiças é uma contradição à visão cristã. Os pobres, a opção primeira de Jesus Cristo, são tratados hoje como objetos

em um sistema que mata (Evangelli Gaudium, n. 53) e no qual os direitos humanos são violados sistematicamente. Estamos imersos numa cultura de corrupção, na qual o valor máximo é vencer o outro, enriquecer-se ilimitadamente, às custas de opressão.

Por tudo isso, refletimos sobre o nosso agir, tanto na Igreja como na sociedade, e percebemos a necessidade de nos organizarmos como laicato, em cada um dos nossos países e também em nível continental, constituindo “Leigos latino-americanos em caminho de comunhão” com o objetivo de cultivar o espírito de diálogo, comunhão e missão. Como Igreja em saída (Evangelli Gaudium, n. 20-23), os cristãos leigos e leigas devem se preocupar e se comprometer com a atual realidade eclesial, social, política e econômica, à luz do Evangelho, auxiliados pelos instrumentos de análise sócio-científico.

Da mesma forma, precisam se organizar para um agir consciente no social e no político, em conjunto com aqueles e aquelas que também buscam a transformação da realidade, rumo a uma sociedade que tem a defesa vida como prioridade em sua totalidade. É importante buscar isso em comunhão com toda a Igreja, superando toda forma de secularismo e clericalismo, como insiste o Papa Francisco, na busca de uma sociedade fraterna e solidária.

Assim, fortalecidos pela experiência do Ressuscitado e animados pela vivência comunitária, queremos ser, com os demais homens e mulheres de boa vontade, os construtores de um novo continente, desde os pobres e os pequenos, como disseram os bispos em Medellín, cuja assembleia é relembada no seu 50º aniversário e com a vivência eclesial no sempre atual Concílio Vaticano II.

Como cristãos leigos e leigas, sujeitos eclesiais, nós assumimos o compromisso de uma Igreja “em saída”, do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, em permanente conversão pastoral. Assumimos com coragem a defesa do meio ambiente em todas as suas formas, na perspectiva de uma ecologia integral, na busca da justiça e da paz para os nossos povos segundo nos ensina o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja, sendo “Sal da Terra e Luz do Mundo”.

Brasil, 04 de novembro de 2018.

Congresso Continental de Leigos



O Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB, é um organismo de Comunhão Eclesial, uma instância de representatividade do laicato do Brasil na Igreja e na sociedade, ao mesmo tempo em que busca articular e organizar o laicato buscando o diálogo e a comunhão com os pastores e ministros da Igreja.

Ao mesmo tempo, o CNLB quer ser espaço de articulação, diálogo, formação e informação do laicato presente nos diversos setores e segmentos da sociedade.

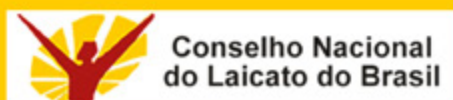
Como instância organizativa do laicato, o CNLB busca suscitar, desenvolver e aprofundar nos leigos e leigas a consciência crítica e criativa de sua identidade, vocação e missão. Os leigos e leigas, para construírem a necessária Comunhão Eclesial, precisam se constituir como sujeitos eclesiais, na corresponsabilidade e na autonomia. Além disso, devem ser presença atuante nos espaços sociais, políticos, econômicos e culturais do país. Por isso mesmo o CNLB promove iniciativas voltadas à formação do laicato, tanto para que se construam como sujeitos eclesiais como para o cumprimento de sua missão no mundo, iluminado pela ética cristã, no respeito à diversidade de dons, carismas e ministérios.

Como nos afirma o Documento de Aparecida, nº 215:

“Reconhecemos o valor e a eficácia dos Conselhos paroquiais, Conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos, porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo. A construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção de eclesialidade nos leigos, é um só e único movimento”.

E como afirma o Documento CNBB 105, nº 209ss:

“Essa organização é fundamental para o exercício da missão com todos os seus desafios... Na evangelização do mundo de hoje há questões às quais só os cristãos leigos organizados oficialmente podem dar respostas como Igreja inserida no mundo”.



www.cnlb.org.br